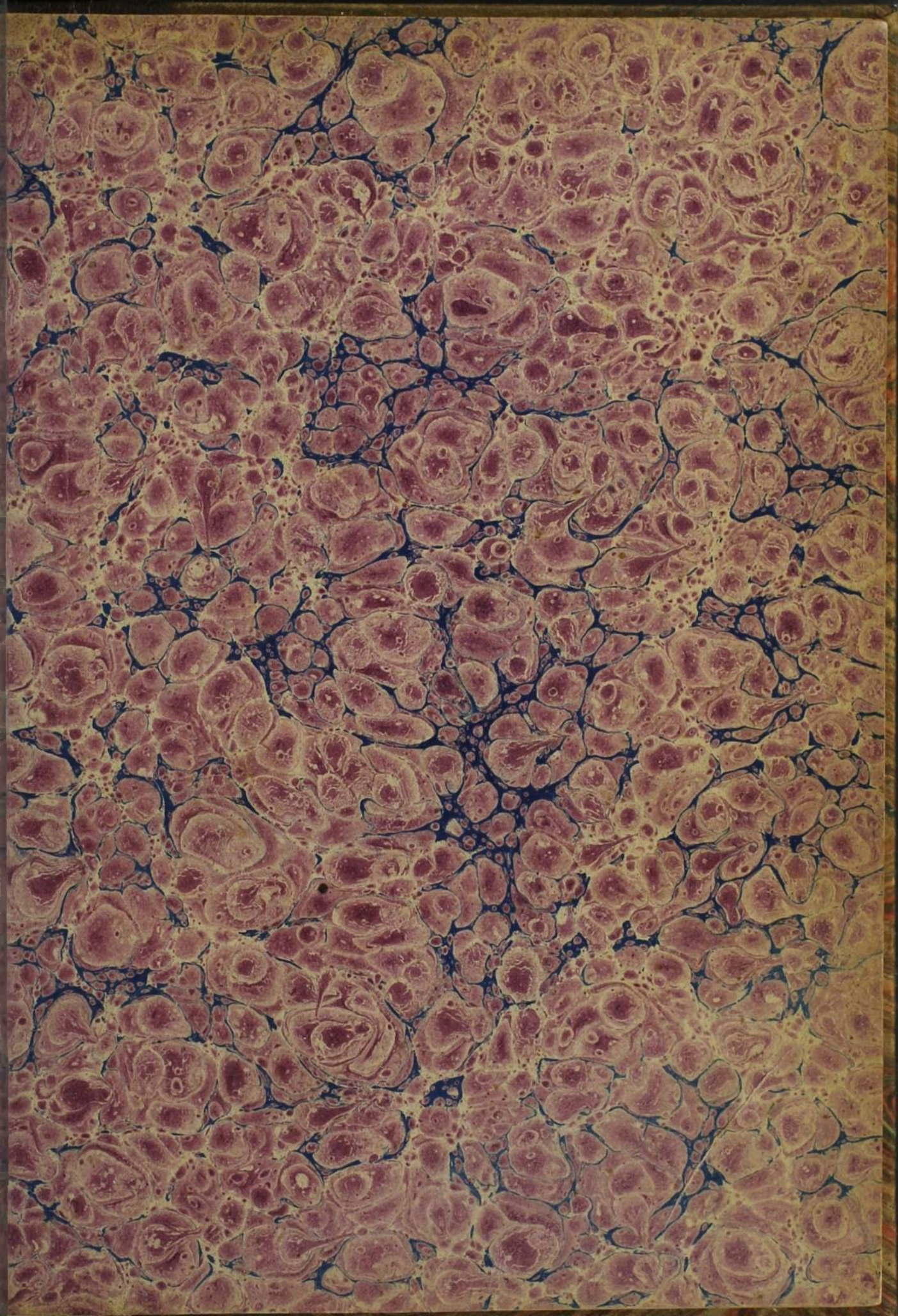


The image shows the front cover of a book. The cover is decorated with a traditional marbled paper pattern, featuring organic, cell-like shapes in shades of purple, pink, and blue on a light tan background. A central rectangular label with a thin double-line border contains the title and author information. The text is centered within the label.

Le ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

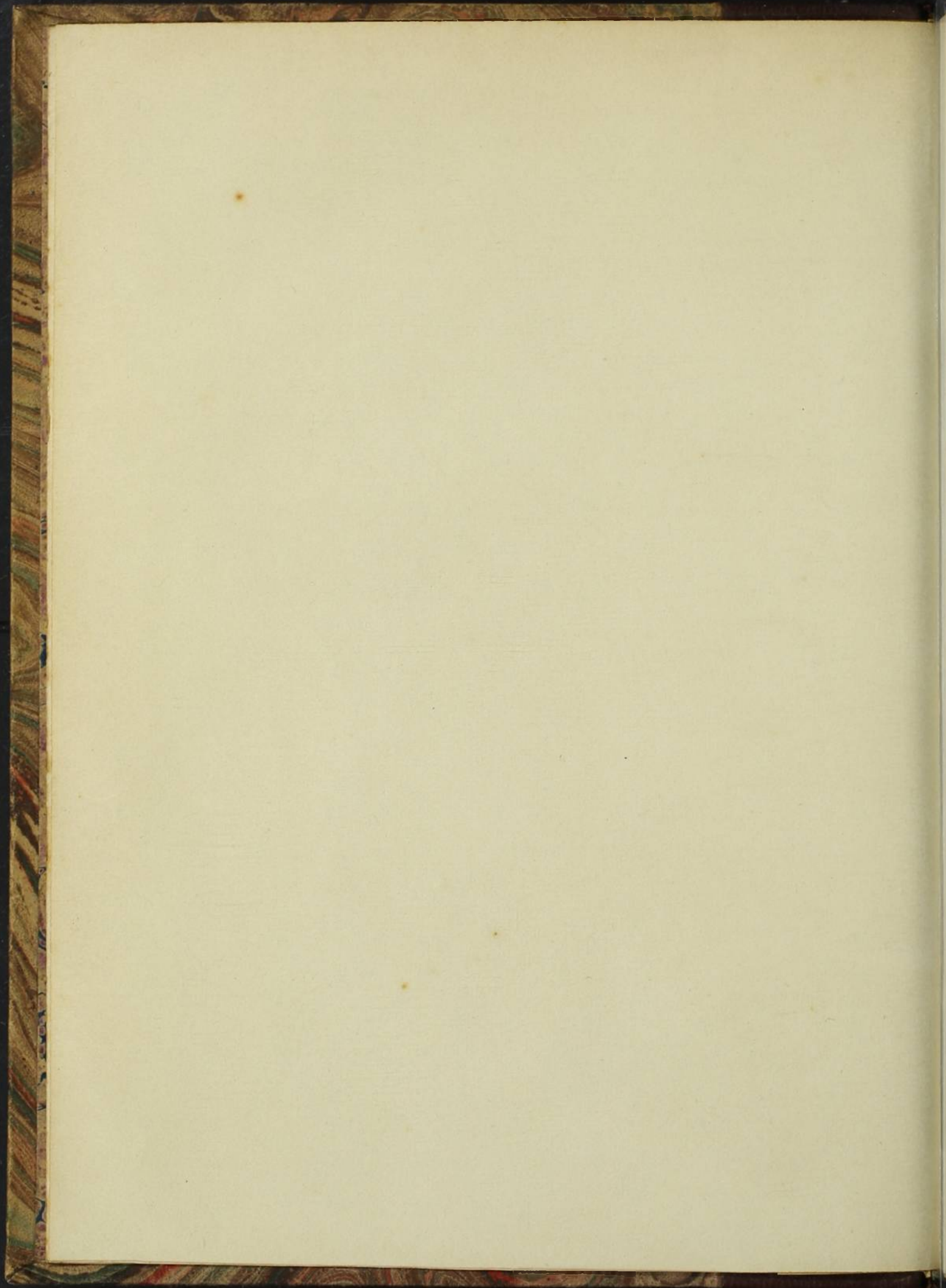


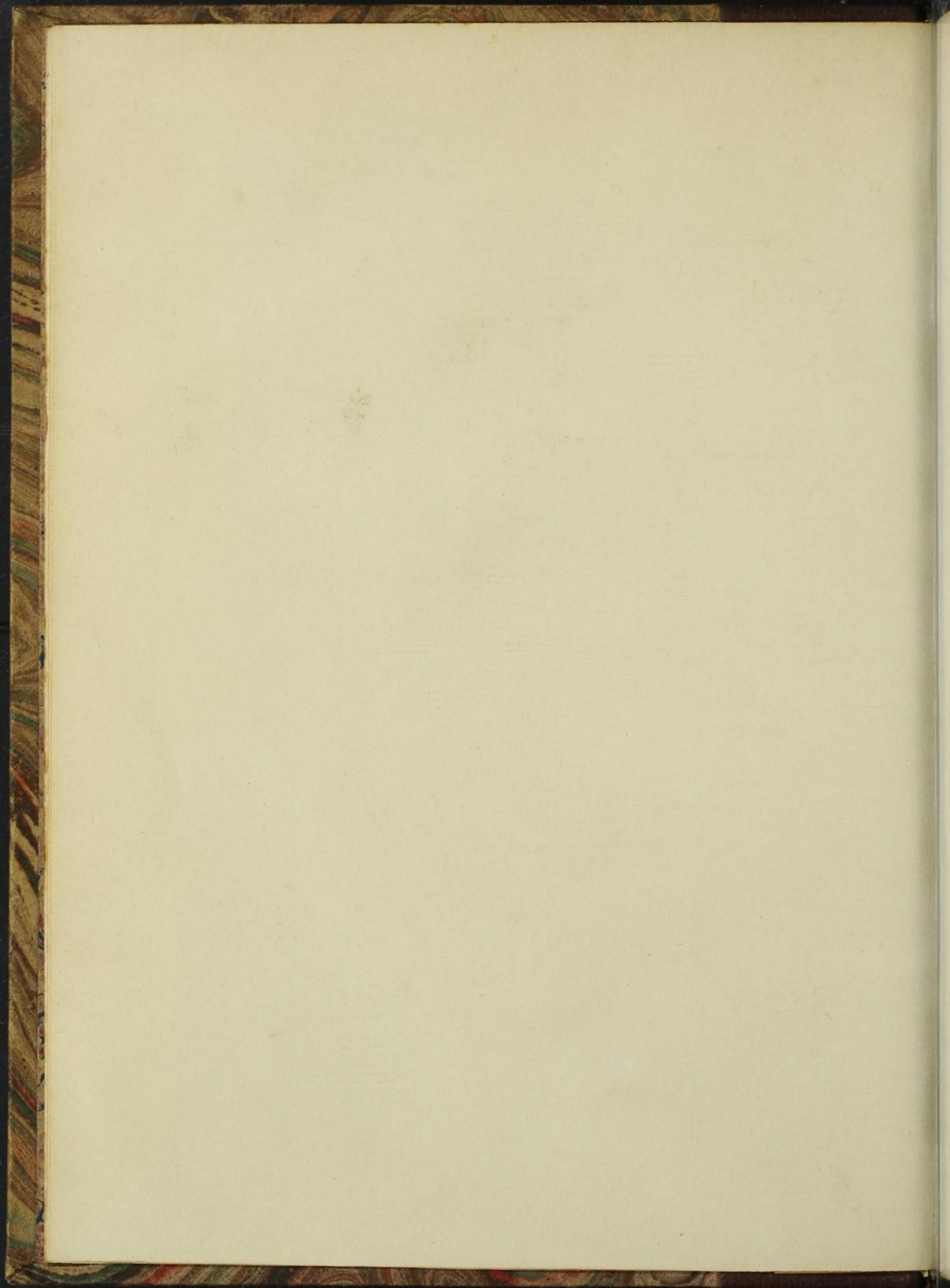
M. 415 de
V. C.

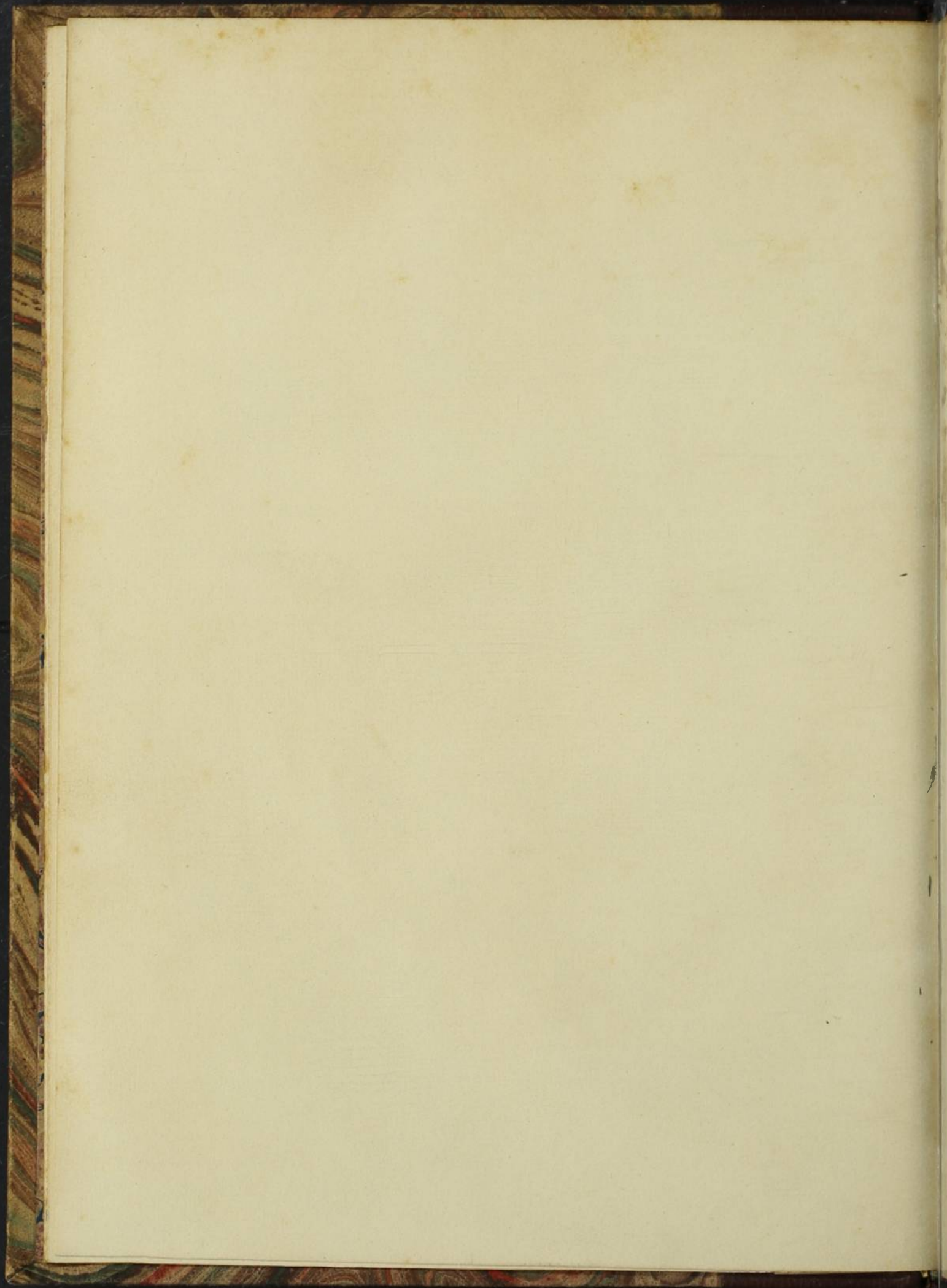
I 72

N^o 34

C.R. 34







AS CANTATAS
DE
JOÃO BAPTISTA ROUSSEAU,
TRADUZIDAS EM VERSO PORTUGUEZ

P É L O

D.^R ANTONIO JOSÉ DE LIMA LEITÃO,
*Médico da Escola de Paris, e Phÿsico Mòr
da Capitania de Moçambique.*



RIO DE JANEIRO.
NA IMPRESSÃO RÈGIA.

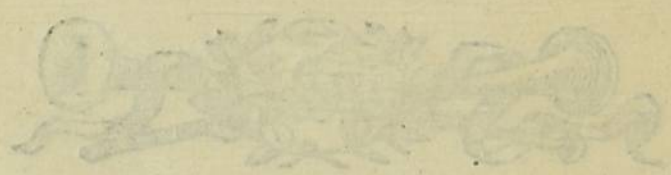
1816.

Com licença da Méza do Desembargo do Paço.

AS CANTATAS
DE
JOÃO BAPTISTA ROSSINI

TRADUZIDAS EM VERSO PORTUGUEZ
POR

D.^o ANTONIO JOSE DE LIMA FERREIRA,
Médico da Escola de Paris, e Físico da
da Academia de Medicina.



RIO DE JANEIRO,
NA IMPRESSÃO REGIA.

1816.

Com licença da Real Academia de Ciências de Lisboa.

*A' Senhora D. Anna Justina Correia da Silva,
minha cunhada.*

O D E.

A'S margens vôem do Nabão sereno
Em Lusa frase os deliciosos cantos,
Com que Rousseau nos penetraes da Glòria
Zomba das Parcas.

Dos corações perscrutador ditoso,
Raia fulgõres, que penetrão a alma;
È a alma ansiosa se requinta em gòsto
Logo que a toccão.

Brilha a Virtude co' as ingenuas Graças
Em câda idea, que engenhoso solta:
Mui feliz eu, se rastejei ao inenos
Voar de tal Cysne.

Mui feliz eu, se me risonha acceitas,
Cândida Anarda, êstes ensaios dêbeis,
Que, atoado à pista de meus grandes Mestres,
Traço em meus ôcios.

Tôda embebida na moral paterna,
Sociaes virtudes te fulgir nos feitos
Eu vi, eu vêjo: êste exìguo acolhe
Grato tributo.

Almiro Lacobrigense.

**

M. de la Roche-Guyon, Comte de Sancerre
Monsieur le Comte

O B E

À Monsieur le Comte de Sancerre
Comte de Sancerre, Comte de
Comte de Sancerre, Comte de
Comte de Sancerre

Des grâces par vos bontés
Mais de la main de Dieu
Et de la main de Dieu
L'âme de l'âme de Dieu

Et de la main de Dieu
Et de la main de Dieu
Et de la main de Dieu
Et de la main de Dieu

Mais de la main de Dieu
Mais de la main de Dieu
Mais de la main de Dieu
Mais de la main de Dieu

Tout est de la main de Dieu
Tout est de la main de Dieu
Tout est de la main de Dieu
Tout est de la main de Dieu

Monsieur le Comte
Monsieur le Comte

PREFÁCIO DO TRADUCTOR.

F AÇO presente à litteratura Portuguêza das Cantatas de João Baptista Rousseau , um dos primeiros poëtas Lyricos do Mundo , e o primeiro de França. Trabalhos desta naturêza me servem de divertimento nas horas vagas do estudo da minha profissão. (1) Estas Cantatas , (diz o cèlebre crítico La Harpe ,) são pedaços , a que nada falta ; è um gènero de poesia , com que o autor presenteou a lingua Francêza , no qual elle não tem modêlo , nem imitador : è nellas onde se vê , mais que nas outras suas magnificas producções , o facil , o flexivel do seu engenho , e arte. Soube escolher os assumptos , diversificá-los , e desempenhá-los. A narração è poética sempre , sempre são elegantes as strophes. Algumas tem tôda

(1) Vêja-se sôbre êste assumpto o que digo no prefácio da minha traducção das Obras de Virgilio em verso sôlto , que espero sahirà breve à luz.

a riquêza , e elevação das suas mais bellas odes , gosando com tudo de mais variedade ; por exemplo a de Circe : è um chefe de obra da poesia Francêza. A carreira não è longa ; mas elle a faz com tal ímpeto , que traz à memòria a dos cavallos de Neptuno , dos quaes Homero diz que em tres passos toccavão os limites do Mundo. E eu ajunto que nunca lhe encontrei uma palavra inutil , ou uma ideia , que não fôsse allegoria graciosa , e decente de certa passage da vida. Com effeito ; è pãra admirar o habil pincel , com que o sublime imitador dos sagrados Cânticos de David nos dibucha os risonhos quadros do amor , fazendo negrejar de longe em longe os males , que brotão do abuso da mais viva doçura , que o Cèo nos deu , e a religião regula. Confrontando-se com o original a traducção , achar-se-hà em ambos igual nùmero de versos , e sò , se bem me lembro , em quatro lugares puz por necessidade absoluta um verso Francez pequeno n'outro hendecassyllabo Portuguez. Fiz o meu possivel pãra copiar as suas bellêzas ; isto è pãra as reproduzir ; pois que traduzir versos , não è traduzir prosa ; mas sim crear. A lingua Portuguêza è mais susceptivel de tôdas ellas ;

pois que è a mais bella das linguas vivas ,
como o provarei n'outra occasião ; (1) presta-se
a tôda a sorte de pintura , a tôda a sorte de
melodia , e acho êrro grosseiro o antepor-se-lhe
a Italiana pâra a mûsica. Saiba-se que as mais
sonoras àrias de Metastasio podem por-se em
Portuguez pêlo menos com tanta melodia como
estão no Italiano ; mas *sapere pricipium , et
fons*. Se por falta de capacidade não consegui
o meu fim ; paciencia : acceite-se-me ao menos
a bôa vontade.

(1) N'uma obrita , que accabarei quando se me pro-
porcionarem occasiões , na qual tento confrontar a lin-
gua Latina , e as que della rigorosamente nascem , com-
parar estas entre si , e estudar os grãos de analogia ,
que cada uma com a mãe conserva.

A D V E R T E N C I A.

A páginas 12, vers. 13, lêa-se — è — em lugar de —
he: — e vers. 20, lêa-se — que — em lugar de —
quem. — A páginas 15, vers. 10, lêa-se — costumados —
em lugar de — custumados. — A páginas, 16 vers. 6,
lêa-se — Ulysses — em lugar de — Ullysses. — A pà-
ginas 34, vers. 15, lêa-se — ostentar — em lugar de —
sostentar. — A páginas 36, vers. 13 e 21, lêa-se — in-
gente — em lugar de — ìngente. —

AS CANTATAS

D E

J. B. ROUSSEAU.

CANTATA I.

DIANA.

O Sòl do alto dos Cèos lançara apenas
 No fundo do atro abismo as leves sombras ;
 Quando , ao travez do bosque , a casta Diana
 O êrmo sítio percebe ,
 Onde Cupido , e os Deuses de Cythera ,
 Dormia à sombra frêscas.
 Para espantada ; e ardendo em prompta còlera ,
 Exhala tal discurso em baixas vozes
 Aos Deuses , que , dormindo , a não escutão :

Vòs , que em ferros vossos vêdes
 Tanto infeliz a chorar ;
 Dormi , Amôres terriveis ,
 Deixai o Orbe respirar.

Tenaz somno aproveitemos ,
 Em que ora estão a dormir ;
 Vamos , pâra bem do Mundo ,
 Seus crueis dardos partir.

Vòs , que em ferros vossos vêdes
 Tanto infeliz a chorar ;
 Dormi , Amôres terriveis ,
 Deixai o Orbe respirar.

Dice , e vai-se chegando ; as Nymphas tímidas
 Sem ruído aos Deuses crus levão seus passos ;
 Co' a mão lhes tomão trêmula os carcazes ,
 E das lascas dos pèrfidos virotes

Semeião bosques , planos.

Da selva tôdo o Deus , de rios , montes ,
 Dà parabens à dita das collegas ;
 E , do imigo affrontando os vãos esforços ,
 Seu gôso assim exprimem :

Que ventura ! Que victòria !
 Que triumpho ! Que alta glòria !
 Os Amôres desarmados !

Oh jovens , quebrai prisões ;
 Não temamos afficções ,
 Que nos tinhão atterrados.

Que ventura ! Que victòria !
 Que triumpho ! Que alta glòria !
 Os Amôres desarmados !

Com êste alegre canto Amor accorda :
 Mas que prospecto encara !
 Que accordar ! Que tristêza !

Dardos quebrados seus no campo sparsos !
 Em tal desorde um remessão me resta,
 Perfidas, vosso exemplo instrua o Mundo.
 Diz ; vòa o remessão, travessa os ares,
 Penetra a mêmra Diana :
 Justo revez, mas duro,
 Que, alto Deus, prova que em vingar-te ès grande !

Dormindo Amor mêmro
 Convem respeitar ;
 Temamos tal Numen
 Quando êlle accordar.

Tôdos os seus dardos
 Em vão quebraremos,
 Se o que êlle nos guarda
 Nôs não conhecemos.

Dormindo Amor mêmro
 Convem respeitar ;
 Temamos tal Numen
 Quando êlle accordar.

CANTATA II.

ADONIS.

MArte , e Venus , ferindo-os um sò dardo ,
 O môr prazer gostavão ,
 Que o terno Amor prodiga ao peito amante ;
 Mas ciôso , e altivo Marte ,
 Como conquistador olha a conquista ,
 E faz succeder logo ao gôsto ennojos.

Sò deixa ver peito ciôso
 Flammas , que o fazem odiar ;
 Deve o amante ob'decer sempre
 Pâra sempre dominar.

Amor não vai sem as Graças ;
 Não se extorquem seus favôres :
 Não se ligão corações
 Com ameaças , com furôres.

Sò deixa ver peito ciôso
 Flammas , que o fazem odiar ;
 Deve o amante ob'decer sempre
 Pâra sempre dominar.

Sua ausencia não mais a Deusa tème ,
 E vai-se escoando o amor , sem que êlla o sinta ;
 Faz seu carro apprestar , tôda impaciencia ,
 E às margens vôa a seu poder submissas.

Là vivia tranquilla ;
 Eis joven caçador se lhe appresenta :
 Crê ver seu filho ; è tôdo nos encantos ;
 Nada se vio mais bello sob os astros ;
 E da India o vencedor menos graciôso
 Veio o rôsto enxugar da linda Ariadna.

A Naide fria
 Vai-o admirar ;
 A joven Drya
 Quel-o alliciar ;
 Fauno extremôso
 O approva a rir ;
 Sàtyro ciôso
 Parte a fugir ;
 Vai Pan raivôso
 Flautas partir.

Trêmulo chêga à Deusa encantadôra ;
 Seu tímido pudor lhe realça o encanto :
 Graças , Risos adiante
 Lhe vão co' a Mócidade ;
 E do alto do ar Cupido com astúcia
 Rápido faz correr dardo , que os fere.
 Em ira Marte agora
 Brame , trovêje , ameace ;
 Seu êrro ciôso aproveitai , amantes :
 Faz o furiôso amor muitas ingratas ;
 Facil se esquece o amante , que amedronta ,
 Em favor de um amante carinhôso.

CANTATA III.

A VICTORIA DO AMOR.

Filhas do Deus do Mundo,
 Musas, quanto me appraz vosso êrmo júbilo!
 Margens amenas, bosques sempre vêrdes
 Aquì dão lenitivo aos males da alma!
 Que penas não se esquecem
 Ao dôce murmurar desta onda plácida?
 Quem pode resistir aos magos êxtasis,
 Que induz vosso almo encanto?
 Foi sò aqui nêstes divinos sítios,
 Onde asilo escolheu ventura inteira.

Feliz quem de vossos gôsos
 Gosta a constante purêza!
 Triumpha dos vãos dezêjos,
 Cede sò à naturêza.

Hombrêando c'os Herôes,
 Tem igual glôria, igual fama;
 E o Deus potente de Delos
 Com iguaes laureis o enrama.

Feliz quem de vossos gôsos
 Gosta a constante purêza!
 Triumpha dos vãos dezêjos,
 Cede sò à naturêza.

Que vêjo , oh Deuses ! Que inaudita fôrça
Muda esta perspectiva !

Danças ! Jogos ! Concêrtos de alegria !

Graças , Prazêres , Risos , Mocidade

De tôda a parte accorrem.

Que sonho me transporta além dos astros !

Não mais conhêço a terra

A' que estou vendo scena encantadôra.

E' do summo Jove

A Côrte em trophêo ?

Ou è Venus mêsmã ,

Que desce do Cêo ?

As Nymphas de Flora

Perfumão õ ar ;

Uma nova Aurora

Se eleva do mar ;

O: Cêo se decora

C' o seu môr brilhar.

E' do summo Jove

A Côrte em trophêo ?

Ou è Venus mêsmã ,

Que desce do Cêo ?

Nymphas , quem è tal Deus , a quem daes honras ?

Que encanto è êste , que prodìgio insòlito ,

Que da mente interdicta o uso me rouba ?

Que faz êste arco , e venda ?

Adeus , Musas , adeus ; jamais não quero
 Vossos bens merecer , que me alliciavão ;
 Não quero liberdade ;
 São nectàreas as leis , que me escravizão ;
 E mais ditôso sou no captiveiro ,
 Do que jamais o hei sido
 Na triste dita , que a alma me encantava.

CANTATA IV.

O HYMNEO.

NAS praías onde altar Sidônios povos
 Enchem de votos à Satûrnia Juno ,
 Cytherea divina ;
 Veio additar o Mundo a vez primeira.
 Nunca môr formosura
 Brilhou no amplo dos mares :
 Os Tritões em mil sítios fluctüavão
 Em redôr della sôbre mansas ondas ;
 E de Nereo as filhas
 Ião ante seu carro assim cantando :

No antro encerre Eölo irôso
 Os ventos , com que o ar negrêja ;
 Dõme-lhes bafo ruidôso ;
 E sò dado a Amôres sêja
 Adejar no plano aquôso.

Tão raro objecto admirar ,
 Deuses , descei das estrêllas ;
 Vinde , vinde confessar
 Que as vossas celestes bellas
 Cedem às bellas do mar.

No antro encerre Eölo irôso
 Os ventos , com que o ar negrêja ;
 Dòme-lhes bafo ruidôso ;
 E sô dado a Amôres sêja
 Adejar no plano aquôso.

Ciosa do brilho destas novas honras
 No fundo imo Amphitrite as ondas busca.
 No em tanto Palemon levava a Deusa
 Pâra essa ilha encantada , alvo a seus votos ;
 E a terra là , fiel à glòria della ,
 C'róa-lhe honras , que digna recebêra.

O amante da Aurora ,
 Dos olhos , que adora ,
 Lembrança perdeu ;
 A tímida Flora
 Tême ir-se-lhe embora
 O Zêphiro seu.
 Da rara bellêza
 Pallas com justêza
 Conhece o primor ;
 Juno trême ao vêl-a ,

Dando aso a escolhêl-a
Ao Phrygio pastor. (1)

Mortos pêlo olhar della,
Neptuno, Jove, em fim os Deuses tôdos
Conquistal-a pertendem.

A Hymeneo tôdos vão rogar favôres.
Favôres de Hymeneo! Anda-se à tôa!
O Hymeneo corações escolhe acaso?

Jove era rei do Mundo,
Neptuno o mar regia,
Não domado valor coubera a Marte,
Joven era Mercùrio, Apollo bello.
Se os Deuses ao Amor recurso houvessem,
N'um dêlles cahiria a escolha della;
Mas Hymeneo decide,
Preferido è Vulcano.

CANTATA V.

AMÏMONE.

NAS praïas de Argos, junto a áridas penhas,
Onde o mar vem romper tremendas vagas,
A mais nova Danaide,
AmÏmone, implorava auxilio aos Deuses:

(1) O erudito Wailly acha engenhosíssima esta pintura de Juno. Com effeito ella prova mais a bellêza de Venus do que a provãõ os dizêres precedentes juntos.

Um Fauno perseguia a bella ansiada ,
 Que , aos Cèos as mãos erguendo ,
 Oh Neptuno , (dizia) ouve meu chôro ,
 Põe-me a salvo do amor de um bruto amante.

A innocencia perseguida ,
 Grande Deus , benigno ampara ;
 Protege-me a glòria , a vida
 Contra amor , que me infamara.

Ai ! Minha sùpplica inutil
 Se perderà nêsses ares ?
 Nem refùgio terei util
 Se não no abismo dos mares ?

A innocencia perseguida ,
 Grande Deus , benigno ampara ;
 Protege-me a glòria , a vida
 Contra amor , que me infamara.

A Danaide chorosa assim se queixa ;
 Eis que vem socegal-a o Deus das àguas.
 Chêga êlle , e luz-lhe em tórno ìnclyta Côrte ;
 Tal a Amphitrite appareceu outr' hora ,
 Apoz êlle trazendo
 Hymeneo , e Cupido.

O Fauno a seu aspecto , as praïas deixa
 E extasiado Neptuno ,
 De amor tinctos os olhos , assim falla
 A' Nympha por quem arde :

Triumphá, princêza bella,
 De brutal, e ousado amor;
 Cede sòmente à ternura
 De quem saiba amar melhor.

Feliz o peito, que te ama,
 Se teu amor possuïra!
 De Venus mêsmo nos braços
 Marte ciúmes sentira.

Triumphá, princêza bella,
 De brutal, e ousado amor;
 Cede sòmente à ternura
 De quem saiba amar melhor.

Quanto he facil a um Deus seduzir bellas!
 Tudo era fausto de Neptuno à flamma;
 De immortal Còrte o brilho,
 E do alto auxílio o mèrito recente.

Sabe fingir tôdo o amante:
 Nynphas, temei seu enrêdo:
 E' o p'riço o mais possante
 De quem menos tendes mêdo.

A audácia desenfrêada
 E' bem facil de vencer:
 O Amante, que nos agrada,
 E' quem devemos temer.

Sabe fingir tôdo o amante:
 Nymphas , temeí seu enrêdo :
 E' o p'rigo o mais possante
 De que menos tendes mêdo.

CANTATA VI.

THETIS.

DO hùmido impèrio ao pè , que à luz deu Venus,
 Em bosque sacro pêlos males de Atys ,
 O Somno , e o Amor de mûtua intelligencia ,
 Ao ardente Peleo franquearão Thetis.
 Quem fôra em têmos taes Minerva austera?
 Mas , na arte de Protheo na infancia instruida ,
 Ella soube illudir o amante ardente :
 De uma ràbida leôa veste o aspecto.
 Elle trême : e , cuidando em defender-se ,
 Vê que a Nympha còrando se lhe escapa.

Deusa , onde foges , dura qual diamante ,
 Sanhudo lião , que sò respiras morte ?
 Que têmes tu de miserando amante ,
 Que já soffreu de teu rigor o corte ?

Da vida a pêrda não lhe assusta o peito ;
 Inerme , e sô vem a teus pès chorôso :
 De tua fuga lhe è mais triste o effeito
 Que o do urso , ou tigre , ou do lião ruidôso.

Deusa , onde foges , dura qual diamante ,
 Sanhudo lião , que sò respiras morte ?
 Que têmes tu de miserando amante ,
 Que já soffreu de teu rigor o corte ?

Exprimia dest'arte o Heroe sem dita
 Sua dor vergonhosa ;
 Eis sùbito das vagas
 Ergue Protheo a frente :
 Que fazes , (diz-lhe) amante froixo , e tímido ?
 Porque os ares turbar com ais eternos ?
 E' sò de hõje que as bellas
 Tem recurso ao disfarce ?
 Repara êsse êrro. A Nympha , que te encanta ,
 Do mar là torna ao seio :
 Espera-a aqui ; mas nada te atterrore ;
 Vê tu que ao Mundo ès devedor de Achilles.

Se o guerreiro delibera ,
 Marte não lhe tem amor ;
 Se occasiões o amante espera ,
 Muito raro è vencedor.

Quando o p'rigo nos atterra ,
 Não cançar Cêos com gemidos ;
 Venus , e a Deusa da guerra
 Sò gostão dos atrevidos.

Se o guerreiro delibera ,
 Marte não lhe tem amor ;

Se occasiões o amante espera ,
Muito raro è vencedor.

Peleo a vista então longe estendendo ,
Vê o objecto assomar , que o tem em ferros :
Feliz em renascer-lhe a vez segunda
Uma occasião perdida !
De nobre audácia ufano ,
A' Deusa vòã , chega-se a ella , abraça-a.
Quer Thetis defender-se , e ràpida usa
Seus ardís costumados ,
Mostrando-se lião , tigre , panthera ;
Objectos vãos , que o amante mais irritão.
Retêm-na victoriôso ;
Vencêrão o temor igneos dezêjos ;
E , lassa de pugnar , em fim a obriga
A gesto seu tomar , ceder aos Deuses.

Amantes , se em liôa irada
Qualquer bella transformada
Insta em fazer-vos tremer ,
Zombai da imagem fingida ;
Seu mêdo a illusão timida
Arma por ver-vos temer.

Pode ella , tomando a image
D'um tigre , d'um lião selvage ,
Assustar joven amante ;
Mas , o extremo esfôrço feito ,
Ella franqueia seu peito ,
Eis o amador triumphante.

CANTATA VII.

CIRCE.

Sobre êrmo escolho, horror da Naturêza,
 Cujos escavado tope as nuvens rompe,
 Pállida, insana, e os olhos moribundos,
 Seu mal chorava Circe.
 No mar co' a vista errante,
 Do fugitivo Ullysses busca o rasto.
 Ver o pèrfido Heroe inda ella pensa;
 E, esta illusão maciando-lhe a desgraça,
 O chama nestas vozes,
 E as corta vêzes mil com ais, com pranto:

Cruel autor desta afflicção tão forte,
 Aguarda, vê que o coração me feres:
 Os olhos volve pâra a minha sorte,
 Se em meu amor participar não queres,
 Vem pêlo menos appressar-me a morte.

Meu triste peito, que immolaste, impuro,
 Ama inda o amor, que o surpr'endeu, e opprime.
 Amor fatal! Em prêmio lhe ès perjuro!
 Tanta ternura serà, Cèos, um crime,
 Que êste desprêzo mereceu tão duro?

Cruel autor desta afflicção tão forte,
 Aguarda, vê que o coração me feres:
 Os olhos volve pâra a minha sorte;

Se em meu amor participar não queres,
Vem pêlo menos appressar-me a morte.

Ansiada assim sua alma se declara ;
Mas logo recorrendo às torvas artes ,
Pâra do triste amor chamar o objecto
Do Averno invoca horrisona as Deidades ,
Nêmesis , Parcas , Cêrbero , Acheronte ,
Alecto ràbida , Hècate inflexivel.
Arde em crüento altar hòrrida a pyra ,
O raio tragador logo a devora.
Nêgros vapôres mil o Cèo enlutão ;
Parão no gyro seu da noite os astros ;
De espanto os rios pâra a origem tornão ;
Mêsmo trême Plutão no reino escuro.

Vêo atro iracundo
Vê-se o Orbe toldar :
Rumor tremebundo
Se ouve o Orco turbar :
Trovão furibundo
Rimbomba nõ ar.
A terra em tormenta
Frême de terror :
A onda turbulenta
Muge de furor :
A lua sanguenta
Recua de horror.
A' stancia vai da Morte o encanto horrendo

Turbar o òcio das sombras ;
 Os manes , c' o terror , das campas fogem ;
 Seus longos urros no ar longe retumbão ;
 E os ventos , livres das cavernas atras ,
 Mesclão com seu clamor hòrridos silvos.
 Esforços sem poder ! Amante infausta !
 De um Deus maior que tu teu fado pende.
 Fazes sob os teus pès tremer a terra ,
 Accendes o furor do irado Tàrtaro ;
 Mas não farà tua ira
 O que attractivos teus fazer não podem.

Nunca se ama por violencia ,
 Ciôso o Amor abusos tolhe ;
 Elle sô de si depende ,
 Sò o obtêm quem êlle escolhe ;
 Omnipotente è no Mundo ,
 Mas nenhum poder o colhe.

Nos campos , que arruina o hynverno
 Seu throno repor vem Flora ;
 Foge Alcyon diante de Eölo ,
 Eölo foge-lhe outr'hora ;
 Mas se amor co'a fuga atina ,
 Foi-se pâra sempre embora. (1)

(1) Wailly acha um contraste extremamente gra-
 ciôso desta pintura risonha com as fortes, e sombrias,
 que lhe precedem.

CANTATA VIII.

CÈPHALO.

COM vèò atro inda a noite os Cèos toldava ,
 E ao Mundo dava luz a ùnica Diana
 Quando da riba Eöa ,
 A Aurora , a quem o amor fez curto o somno ,
 Vem ter c' o joven Cèphalo ,
 Que de Morpheo no grêmio inda repouisa ,
 Ella chega , vacila , tème , admira ;
 Os sentidos se estancão ;
 E o amor do Heroe , que suspirar a obriga ,
 Taes accentos lhe arranca à voz medrosa :

Vòs , que êste plano percorreis contentes ,
 Arroios , vòs , mais de vagar passai ;
 Aves , com mais moderação cantai ;
 Zèphiros , o hâlito sustai prudentes .

Caçador joven respeitai piedosos ;
 Cançou-o à caça agitação violenta ;
 E do repouso , que nesta hora o alenta ,
 Deixai gosar-o dèsses bens gostosos .

Vòs , que êste plano percorreis contentes ;
 Arroios , vòs , mais de vagar passai ;
 Aves , com mais moderação cantai ;
 Zèphiros , o hâlito sustai prudentes .

Mas quê! Cega ternura onde me arrasta?
 Cobarde amante, o delicado è este,
 De que o amor teu se ufana?
 Venho eu aqui a te servir de triumpho?
 E' nos braços do somno
 Que a visita da amante esperar debes?

Cèphalo, tempo agora
 Inda è de olhos abrir:
 Vê que o dia luzir
 Já vai sem mais demora;
 Vê que tem de fugir
 Do claro sol a Aurora.
 Cèphalo, tempo agora
 Inda è de olhos abrir.

Ella assim diz, e o Deus, que a luz espalha,
 Lança os primos clarões do argenteo carro,
 E abre, mas tarde, a pâlpebra tranquillã
 Do feliz, e infeliz amante a um tempo.
 Elle accorda, repara, vê-a, chama-a:
 Clamor, pranto baldados!
 Foge ella, e à dor mortal lhe deixa apenas
 De um bein a image, que não mais se gosa.

CANTATA IX.

BACCHO.

TUA alta glória, Baccho, aos Cêos sublime.
 Silencio, oh Nymphas, escutai meu canto.
 Que outro no Mundo espalhe
 Do vencedor de Heitor a clara história;
 Que em seus versos renove
 A fama dos Pelôpidas horrível: (1)
 Das uvas forte Deus, a ti meus votos,
 A ti me entrego tôdo,
 De pâmpanos, e flôres corôado
 Tento seguir-te sempre;
 Por ti sô viver quero
 Em jogos, e em banquetes.
 Tu enches os Cêos
 Da prenda a mais rara,
 O nectar dos Deuses
 E's tu quem prepara.

(1) Nos, Agrippa, neque hæc dicere, nec gravem
 Pelidæ stomachum cedere nescii . . .

Nec sævam Pelopis domum
 Conamur.

Horat. L. 1. Od. 5.

No fanôso çumo
Tôda a Divindade
Bebe a tragos longos
A immortalidade.

Ao Deus das batalhas
Dàs armas, e espantos ;
Sem ti Cytherea
Perdêra os encantos.

Do cru Polyphemo
Dômas a ousadia ;
Athê mêsmo Phebo
Te dêve a harmonia.

Mas que rebate involuntário, e sùbito (1)
Da mente em convulção se me appodera ?
A que valle sagrado, a que êrmos bosques
Sou transportado agora ?
Patenteia-me Baccho os seus mistêrios !
Moção confusa de terror, e gôso
Me abraza em sancta audácia ;
E as Mênades furiosas
Não virão nada igual nos Thrâcios antros.

(1) Quò me, Bacche, rapis tui
Plenum? Quæ nemora, quos agor in specus,
Velox mente nova
Horat. L. 3. Od. 19.

A ornar festiva alegria
 Desce , bella mãe de Amor ,
 Dêsse Deus conquistador
 Dos climas , bêrço do dia.
 Desce , bella mãe de Amor :
 Foge à Mância companhia.

Vê como o joven Silvano
 Prosegue Doris no plano ,
 De vinho , e amor cambaleante ;
 E as Nymphas do bosque ameno
 Regão o velho Sileno
 C' o frêsko çumo faiscante.

A ornar festiva alegria
 Desce , bella mãe de Amor ,
 Dêsse Deus conquistador
 Dos climas , bêrço do dia.
 Desce , bella mãe de Amôr ,
 Foge à Mância companhia.

Fugi d'aqui , profanos ,
 Move-me êste alto dia ; eu vou ceder-lhe.
 Sectários fieis do Deus o mais risonho ,
 Ponde o banquetê em ordem , dai-me a lyra ;
 Dia de tanta glória celebremos.
 Mas de amavel dilírio entre os transportes ,
 Longe affastemos sediciosos ruídos ,
 Que o vapor cego eleva :
 Que sôs os Scythas duros

Mesclem com seus banquetes sangue, e mortes: (1)
 Do cru Centauro os dardos
 Manchar não devem nossas mãos singelas.

Da innocencia dos banquetes
 Va-se Bellona em furor;
 Os Sàtyros, Baccho, e Fauno
 Detestão pugnaz horror.

Môrrão sanguinários monstros,
 Que, por crimes os mais duros,
 De um Deus, que preside à paz,
 Sanguentão mistérios puros.

Da innocencia dos banquetes
 Va-se Bellona em furor;
 Os Sàtyros, Baccho, e Fauno
 Detestão pugnaz horror.

Quer-se que eu faça guerra?
 Segui-me, amigos meus; eia ao combate.
 Tocca êste copo a encher; de hera o coroemos.
 Bacchantes, dai-me os temerosos Thyrsos.
 De Athletas pêlo chão! Rivaes vencidos!
 Oh Filho do Tonante, em fim sentimos
 Que è teu poder comnôsko!

(1) Natis in usum lætitiæ scyphis
 Pugnare Thracum est

Horat. L. 1. Od. 22.

Sõ bebedôres vêjo em terra sparsos ,
Nadando em mar de vinho!

Triumpho , victòria !
Louvor a Lyëo !
Cantemos-lhe a glòria ;
Triumpho , victòria !
Bêba quem venceu.

Ruidosa trombêta ,
Medra êste clamor . . .
Jà sou vencedor ! . . .
Ruidosa trombêta ,
Canta êste valor.

Triumpho , victòria !
Louvor a Lyëo !
Cantemos-lhe a glòria ;
Triumpho , victòria !
Beba quem venceu.

CANTATA X.

AS FORÇAS DE LEMNOS.

NO antro famôso onde as fulmîneas armas
A Jove forja Mùlciber tôda hõra ,
Venus fazia encher de Amor a aljava ;

Graças , Prazêres se esmeravão nella ;
 E o espôso , ornado de faiscentes lumès ,
 Dest'arteurgia os Cÿclopes ardentes :

Trabalhar ; Venus o impera :
 Excitar fogos ateados ;
 Libertar ventos cerrados ;
 Circunde-nos. flamma fera. (1)

(1) Nem sò na traducção da V. E'cloga de Virgilio apprehendi traduzir o que o nosso engenhoso Bocage havia traduzido : tambem nesta cantata nos encontramos. Ninguem , como já então o dice , admira mais do que eu o grandissimo talento daquelle poeta. Julgando êlle dever-se appartar aqui muito do original , deixou de copiar as suas principaes bellêzas , que consistem nesta onomatopeia , ou imitação de sons. Vejamos o original , e a traducção de Bocage.

Travaillons ; Venus nous l'ordonne :
 Excitons ces feux allumés ;
 Déchainons ces vens enferinés ;
 Que la flamme nous environne.

Que l'airain écume et bouillonne ,
 Que mille dards en soient formés ;
 Que , sous nos marteaux enflammés ,
 A' grand bruit l'enclume résonne.

Ferva o bronze sem espera,
 Sejam mil dardos formados;
 Sob os martellos brazeados
 A bigorna atrõe a sphera.

D ii

Travaillons ; Venus nous l' ordonne ;
 Excitons ces feux allumés ;
 Déchaînons ces vens enfermés ;
 Que la flamme nous environne.

Traducção de Bocage.

Eia , sòcios , trabalhemos ,
 Obedêça-se ao que manda
 Venus bella , dôce , e branda
 Mãe das Graças , e de Amor.

Folles tùmidos soprando ,
 Mais , e mais o fôgo atêem ,
 Labaredas nos rodêem
 Com terrífico fragor.

Rubro o ferro , espume , e fêrva ,
 Lide a mão com fôrça enorme ,
 Settas , farpas , dardos forme ,
 E , brandindo a câda instante ,
 Na bigorna resonante
 Caia o malho a tröador.

Trabalhar , Venus o impera ;
 Excitar fogos ateados ;
 Libertar ventos cerrados ;
 Circunde-nos flamma fera.

Pêlo amor excitado assim Vulcano ,
 Armava contra si a espôsa infida ;
 Eis Marte , em morticínio inda fumando ,
 Chêga nos olhos fôgo , em sangue os braços.
 Que fazes , (diz-lhe) destas armas frêgeis ,
 Filho de Juno , e vòs , Chàlybes juntos ?
 E' sò pâra entreter fûteis meninos
 Que a crebras martelladas gême êste antro ?

Eia , sòcios , trabalhemos ,
 Ohedeça-se ao que manda
 Venus bella , dôce , e branda ,
 Mãe das Graças , e de Amor.

Wailly , erudito commentador de Rousseau , acha admiravel a arte com que o poeta começa tres versos seguidos na primeira strophe por tres pallavras de igual consonancia , e numero de syllabas , *travaillons* , *excitons* , *déchainons* ., Além disso a repetição , a similhaça , o redobrar das rimas , tudo concorre a pintar o trabalho monòtono da forja , e parece que o martello , cahindo na bigorna , marcou a medida nos versos Francêzes : não sei se o consegui na minha traducção.

Tão vergonhosos trabalhos
 Ide-os em pô já tornar :
 Deixar tão frívolos brincos,
 Ou raios não mais forjar.

Mas em quanto se alteia em vãos furôres,
 Sùbito o fere vingador virote.
 Que mudança ! Que fôgo abrange as veias,
 Tinge o guerreiro gesto em rubro pêjo !
 Quer fallar, eis lhe expira a voz nos lãbios.
 Os olhos ergue ao Cèo, trême, suspira ;
 O furor cede inteiro ; e o olhar confuso
 Pêlos olhos do Amor colhido ao passo,
 Findar veio o naufràgio,
 Dando n' um rir de Venus. (1)

(1) Aqui tambem, segundo me parece, Bocage se
 appartou individamente do original. Vejamol-o.

Toute sa fierté cede ; et ses regards confus,
 Par les yeux de l'Amour arrêtés au passage,
 Achevent de faire naufrage
 Contre un sourire de Venus.

Bocage diz.

Cede em fim, perde a cor, fôrças, e orgulho,
 E seus olhos confusos, vagos, foixos ;
 Já prêzos por Amor, já namorados,

A vosso turno cedei,
 Crus vencedôres da terra:
 Sabei pois que o Deus de amor
 E' o vero Deus da guerra.

Não, não o irriteis; cuidado;
 Não offendais sua glòria;
 Se se quer brigar com êlle,
 Quer-se perder a victòria.

- * Parão no seio da benigna Venus;
- * Revendo-se depois no rôsto amado,
- * Terno sorriso o coração lhe acolhe.

Vê-se pois que êlle não copiou a encantadora metaphora trazida de um naufrágio, e tão habilmente applicada ao olhar de Marte. Não conhêço outra mais exacta. Em mar encapellado vê-se um navio, já pêla tormenta defalcado, fazer os últimos esforços por não abbalroar com um escolho, que vê pròximo; eis que uma vaga imprevista, vinda de lado não suspeitado, dà com o miseravel lenho contra rocha somente coberta pela flor das aguas. Da mêsmo forma se crê ver o olhar de Marte, já lânguido pêla ansia, que lhe subio do coração ferido pêlo virote de Cupido, andar errante procurando escapar a mais lançadas; eis que o Amor lhe sahe ao encontro, e bate com êlle n'um sorriso de Cytherea. Então o naufragio se conclue; então quebra-se de Marte a altiva feridade, e eil-o perdido de amôres.

A vòsso turno cedei ,
 Crus vencedôres da terra :
 Sabei pois que o Deus de amor
 E' o vero Deus da guerra.

C A N T A T A XI.

OS BANHOS DE TOMERÌ.

QUE pompa adorna esta pacata riba !
 Diana , co' a côrte sua ,
 Virà por-se a coberto
 Do ardente Deus do dia ?
 Por ver as novas Deusas
 Susta inda o Sòl os seus corceis alìpedes :
 A Nympha dêstes bosques encantados
 As fita de olhos sôfregos ,
 E o bando fido seu chama desta arte
 Pâra honrar taes bellêzas :

Vinde ver , Nymphas , a rainha vossa ,
 Deixai a sombra dos rosaes escura :
 A mêsmã Thetys vem do Sena às margens
 Nas àguas minhas a tomar frescura.

Correi , correi , oh fugitivas aguas :
 Deixai os bosques , multidão voadôra ;
 Cantai aqui nestas ditosas ribas ,
 Cantai as honras , que eu recêbo agora.

Vinde ver , Nymphas , a raïnha vossa ,
 Deixai a sombra dos rosaes escura :
 A mêmima Thetys vem do Sena às margens
 Nas àguas minhas a tomar frescura.

Novas Deidades , que nadaes nesta onda ,
 Quaes me mostraes incògnitos encantos !

Em suas fundas grutas

Nunca Amphitrite vio nada tão lindo.

Mas não cõreis : a Deusa , que vos guia

Brilha entre vòs , oh bellas ,

Qual entre os astros da tranquilla noite

Do joven Endymion a amante brilha.

Quem não cedêra a encantos tão divinos ?

Affastai-vos , Tritões ; chegai-vos , Naides.

Vòs , que immortal fazeis Flora ,

Zèphiros , voai com prazer ;

Devindade mais formosa

Vem vossos ais receber.

Vinde a meus hùmidos planos

Jovens bellas cariciar ;

Vinde com o hãlito dôce

Esta onda argentea aquentar.

Vòs , que immortal fazeis Flora ,

Zèphiros , voai com prazer ;

Devindade mais formosa

Vem vossos ais receber.

E vòs, cujo poder abrange o Mundo,
 Amôres, se do mar a maga filha
 Vos attrahio às ondas,
 O fluido èther fendei, vêde estas margens;
 Nova Venus exige vossas honras;
 E vereis que lhe cede essa de Paphos,
 Qual cede a minha riba
 As' vastas ribas de Neptuno undôso. (1)

Accorrei, ternos Amôres,
 Vinde, tropas immortaes:
 Nada è sem vòs a bellêza,
 Sem ella vòs expiraes.

Se Amor à bellêza deve
 Seu nascimento, e esplendor;
 A bellêza, em dôce volta,
 Seu poder sò deve a Amor.

Accorrei, ternos Amôres,
 Vinde, tropas immortaes:
 Nada è sem vòs a bellêza,
 Sem ella vòs expiraes.

(1) Note-se quanto o pobre Rousseau estava embe-
 bido nos feitiços, que a tal menina lhe tinha dado.

CANTATA XII.

CONTRA O HYNVERNO.

Arvores sem verdura,
 Cadáveres dos bosques,
 Hôje onde estão os ricos ornamentos,
 Que tanto me encantarão?
 Nesta triste planície em vão procuro
 Aves, Zèphiros, rios cor de prata:
 As aves stão sem voz, sem bafo os Zéphiros,
 E os rios não se movem.
 A'quilos ìgneos sòs na terra imperão,
 E mil horriveis silvos
 São as tubas da guerra,
 Que aos elementos seu furor declara.

O Sòl, que vê a insolencia
 Dêstes tyrannos furiosos,
 Não se atreve sustentar o oiro
 De seus raios majestosos.

O temor gelou seu ânimo,
 Que è sem fôrça, e sem vigor;
 E a pallidez em seu rôsto
 Pinta um triste dissabor.

O Sòl, que vê a insolencia (1)
 Dêstes tyrannos furiosos,

Não se atreve ostentar o oiro
De seus raios majestosos.

Zelosos, indignados do tributo,
Que as fontes dão ao mar, seu sôpro irado
Põe os rios em ferros,
E contra êlles empola o fero Oceano.
Cähe o cedro, o ormo estala,
Succumbe o duro robre
Ao imperiôso embate;
E o salgueiro, prostrado em ruina inteira;
Abaixa os topes, e a raiz eleva
Pâra implorar aos Cêos dura vingança.

Quieta, e opaca verdura,
Cobrias na espessura
Dôces furtos de amor;
Vai teu crime expiando;
O ódio soffre nefando
Dêsse hynverno em furor.

Em quanto à mêza pôsto
Em companhia a gôsto,
Sem amor, sem pezar,
Junto a amigo preciôso
Nôvo tempo verdôso
Eu tenho de esperar.

CANTATA XIII.

A FAVOR DO INVVERNO.

INjuriosos pintôres,
 Vòs, que fingis o hynverno, temerários,
 Já decrêpito velho;
 Dêsse terrivel Deus de poder grande
 Temei as justas iras.
 Vingativo, inflexivel
 Joga hõrrido terror thè às estréllas;
 O esforço dos Titães nem è vislumbre
 Da bravêza do hynverno.

Carrega os rios de ferros
 Do que Alcides mais valente;
 Sò seu hãlito agitado
 Faz tremer o Mundo ingente.

Elle sôbre a terra pãvida
 Em furia os ventos remove:
 Os raios, tambem suspende
 Na dextra mêsmo de Jove. (1)

(1) Wailly observa que se não podia dizer mais poeticamente que não trovêja no hynverno.

Carrega os rios de ferros
 Do que Alcides mais valente;
 Sô seu hãlito agitado
 Faz tremer o Mundo ingente.

Mas se irôso è temivel,
 Sua alegria endeuza:
 E' pai do òcio mimôso,

Reüne os corações, bane os suspiros,
 Aos banquetes induz, o theatro anima:
 São tôdas as sasões, sasões de penas,

A sna è de prazêres.

Flora alardêe as flôres, que nos presta,

Ceres os bens, que cria:

Baccho se applauda de autumnæes thesoiro;

Que o hynverno, o hynverno sô recolhe os fructos.

Os Deuses do Cêo, e da onda,

O sôl, a terra, o vasto ar,

Tudo trabalha no Mundo

Pâra o hynverno triumphar.

Seu poder è quem ajunta

Os Jogos, Lyeo, e Amor:

Juntos sô reinãõ taes Deuses

Quando tem d'elle o favor.

Os Denses do Cêo, e da onda,

O sôl, a terra, o vasto ar,

Tudo trabalha no Mundo

Pâra o hynverno triumphar.

CANTATA XIV.

CALISTO.

DEusa dos bosques , a teus pès eu juro
 Menoscabar o amor , odiar-lhe a flamma :
 Sêja eu mudada , se meus votos quebro ,
 No objecto desta selva o mais hidiondo !
 Calisto , assim juraste ; mas , oh màgoa !
 Tua fatal bellêza o não confirma.

Bellêza , herança funesta ,

E's tida no môr valor ;

Mas ès das iras celestes

O mais seguro penhor.

Mil ardís sempre infalliveis

Te urdem paixões desastrosas ;

O prazer te forja os ferros ,

O orgulho os cobre de rosas.

Bellêza , herança funesta ,

E's tida no môr valor ;

Mas ès das iras celestes

O mais seguro penhor.

Debalde mil mortaes por ella ardêrão ;

Sempre fida lhe foi firme a virtude.

Mas quem com vòsco , Deuses crueis , arrosta ?

Jove , sob mêsmo o alcance a Trívios dardos ,

Chegou a seduzir a Nympha , que ama ,
Obrigando-a a quebrar dever , e votos.

Amor criminôso ,
Nectàrea illusão ,
Em que nêgro abismo
Pões meu coração ?

Sombria tristêza
Sempre me persegue ,
O temor me opprime ,
A paz me não segue.

Amor criminôso ,
Nectàrea illusão ,
Em que nêgro abismo
Pões meu coração ?

O mal se cumulou ; Diana severa
Do desgraçado amor conhece o fructo.
Foge , profana , fuge ,
Mais não manches , (lhe diz) tão casta estancia ;
Mudada em ursa horrenda ,
Vai no bosque esconder vergonha , e gôstos :
Sob esta hidionda forma ,
Inda Jove , se o quer , sens ais te offr'êça.

Vôs , que tendes em ferros
Divinos corações ,
Temei as que vos fazem
Damnosas oblações.

De Amor prazer occulto
 Finge na terra o Cèu;
 Mas dà milhões de angústias
 Se se lhe rasga o vèu. (1)

Vòs, que tendes em ferros
 Divinos corações,
 Temei as que vos fazem
 Damnosas oblações.

CANTATA XV.

A CÊRCA DE UM ARBUSTO.

TEnro arbusto, esperança de meu hórto,
 Fertil cuidado de Vertumno, e Flora,
 Tême o perigo de hybernaes favôres,
 A's flôres susta êsse ìmpeto de abrir-se;
 Bello as seduz, mas passageiro dia.

Imita o cauto renûnculo;
 Bòreas tême em volta fera;
 Que Flora, e Pomona possão
 Dar-te soccôrros espera.

(1) Julguei dever-me appartar algum tanto do rigoroso sentido do original.

Philomela inda não canta,
 Tême Progne a quadra fria;
 Inda tímida a violêta
 Aos ares não se confia.

Imita o cauto renũculo;
 Bõreas tème em volta fera;
 Que Flora, e Pomona possão
 Dar-te soccorros espera.

Sòl, pai da naturêza,
 Teu fecundo calor aqui espalha,
 Dicipa o gêlo, affasta o frio infausto,
 Que flôres queima, e fructos:
 Ceres, tôda impaciencia,
 Pâra nos dar seus bens por ti aguarda,
 E em tua fertil assistencia Baccho
 Nova a esperança põe de seus thesoiros.

Virão-lhe as lides primeiras
 Sítios, que te vem nascer;
 Mas jamais nos climas da Ursa
 Nada quiz ter que fazer.

Quando os Amôres propícios
 Seu favor lhe prodigavão,
 Foi sôbre margem feliz,
 Que teus fogos aquestavão

Virão-lhe as lides primeiras
 Sítios, que te vem nascer;
 Mas jamais nos climas da Ursa
 Nada quiz ter que fazer.

CANTATA XVI.

JÚPITER, E EUROPA.

EUROPA.

P Rediõio mysteriõso!

Oh Cèo! Que fim levou o monstro hardido,
 Cujõ pèrfido: affan aqui me trouxe?
 Um mortal sò confusa ante mim vêjo.
 Mas que digo, um mortal? Attende, Europa:
 A' sùbita mudança, que ora observas,
 A luz tão clara, ao susto, que te agita,
 Desconheces os Deuses?

JÚPITER.

Tua alma attõnita, socega, Europa;
 Sim, dos Deuses o Rei tens em teus ferros;
 Sim, hõje sò de ti pende o destino
 Dêsse Deus, de quem pende o do Universo.
 Aceita-me o amor, e a glõria,
 Oh bellêza encantadõia;
 Que o Deus, de que ès vencedõra,
 Aplauda tua victõria.

EUROPA.

Oh glòria , que me assusta , e igual me encanta!
 Glòria , que faz tremer meu peito ciôso!
 Muito me eleva , e espanta o amor de Jove.
 Ah ! Como nós amar os Deuses podem ?
 Que meio ai ! de tocar este igualdade ,
 Base de um amor terno ?
 Subir mortal não pode athè aos Deuses :
 Raro è thè aos mortaes que um Deus se abaixe.

JÚPITER.

Não temas , não , de ser a amor sensivel :
 O amor faz appagar glòria importuna. (1)

AMBROS.

Não temas , não , de ser a amor sensivel :
 O amor faz appagar glòria importuna.
 Junta amor irresistivel
 Entes , que apparta a fortuna.

JÚPITER.

Vem ter parte comigo
 Na honra , que , ao meu nascer , me deu Cybeles.

F ii

(1) Non bene conveniunt , nec in unâ sedē morantur
 Majestas , et amor.

Como penhor primeiro de lealdade,
O nome de immortal recebe agora.

EUROPA.

Ah! Do único soccorro não me prives,
O que é eu recorrer posso,
Se de mim se cançar tua ternura,
Expressar-te que em ti temo a inconstancia,
Não è assaz dizer-te
Que eu immortal ser temo?

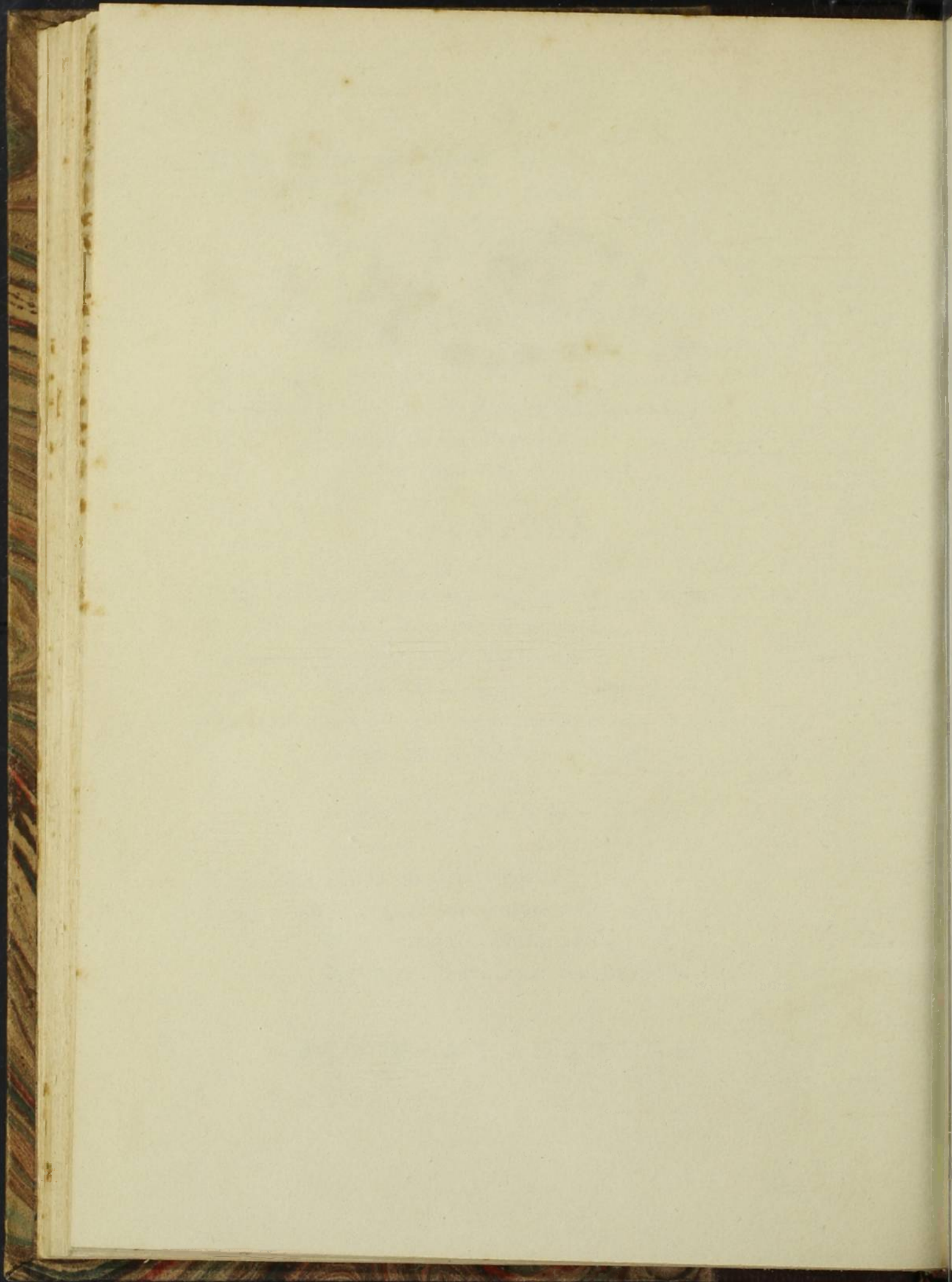
JUPITER.

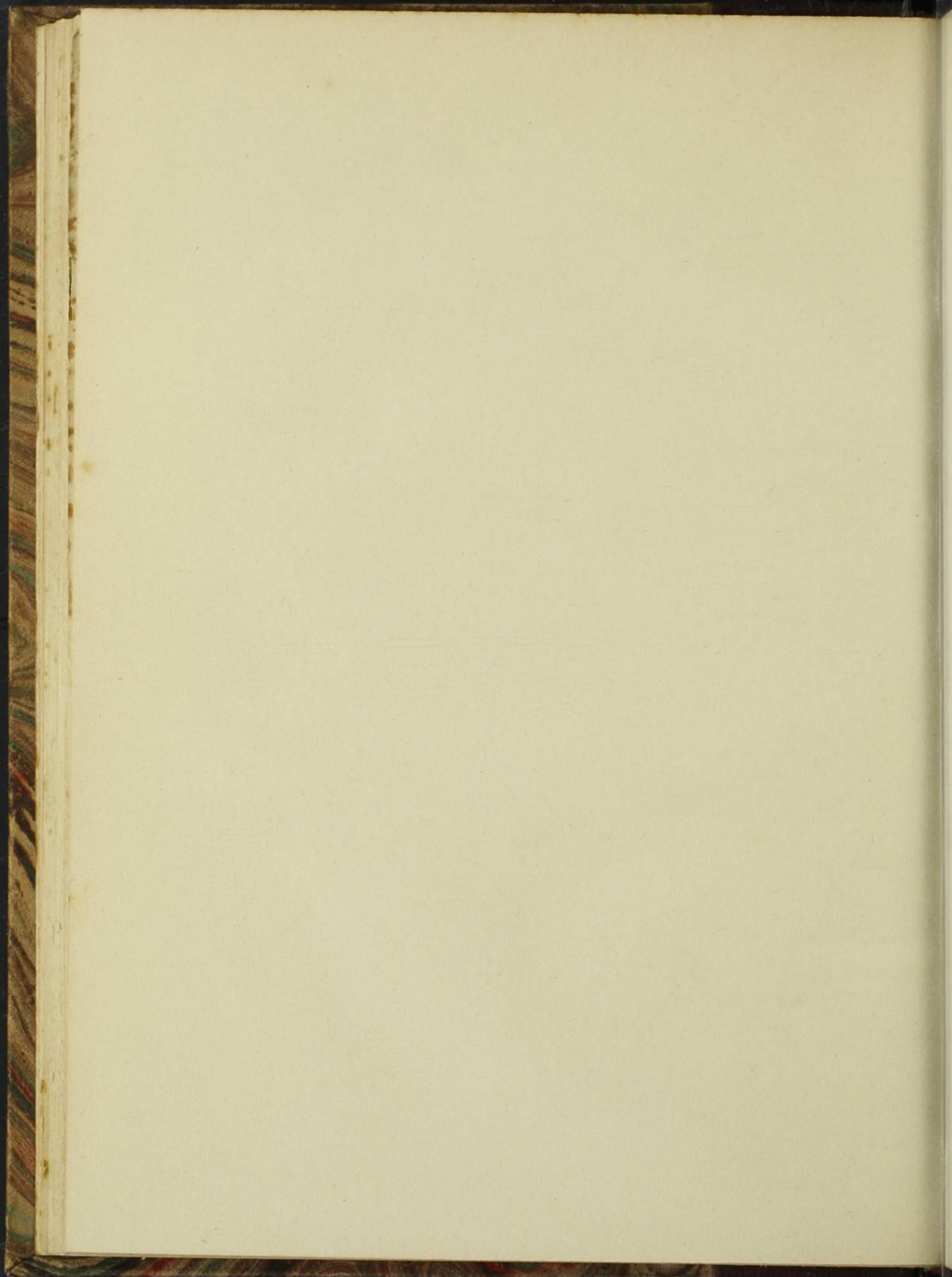
Não fraqueará o ardor, com que te eu amo.
Pêlo amor juro, juro por ti mêmua.
Expire ao dia êsse astro luminôso,
Antes que o amor me expire!
O têrmo dêva eu ver ao meu impêrio,
Antes que a amor o têrmo!

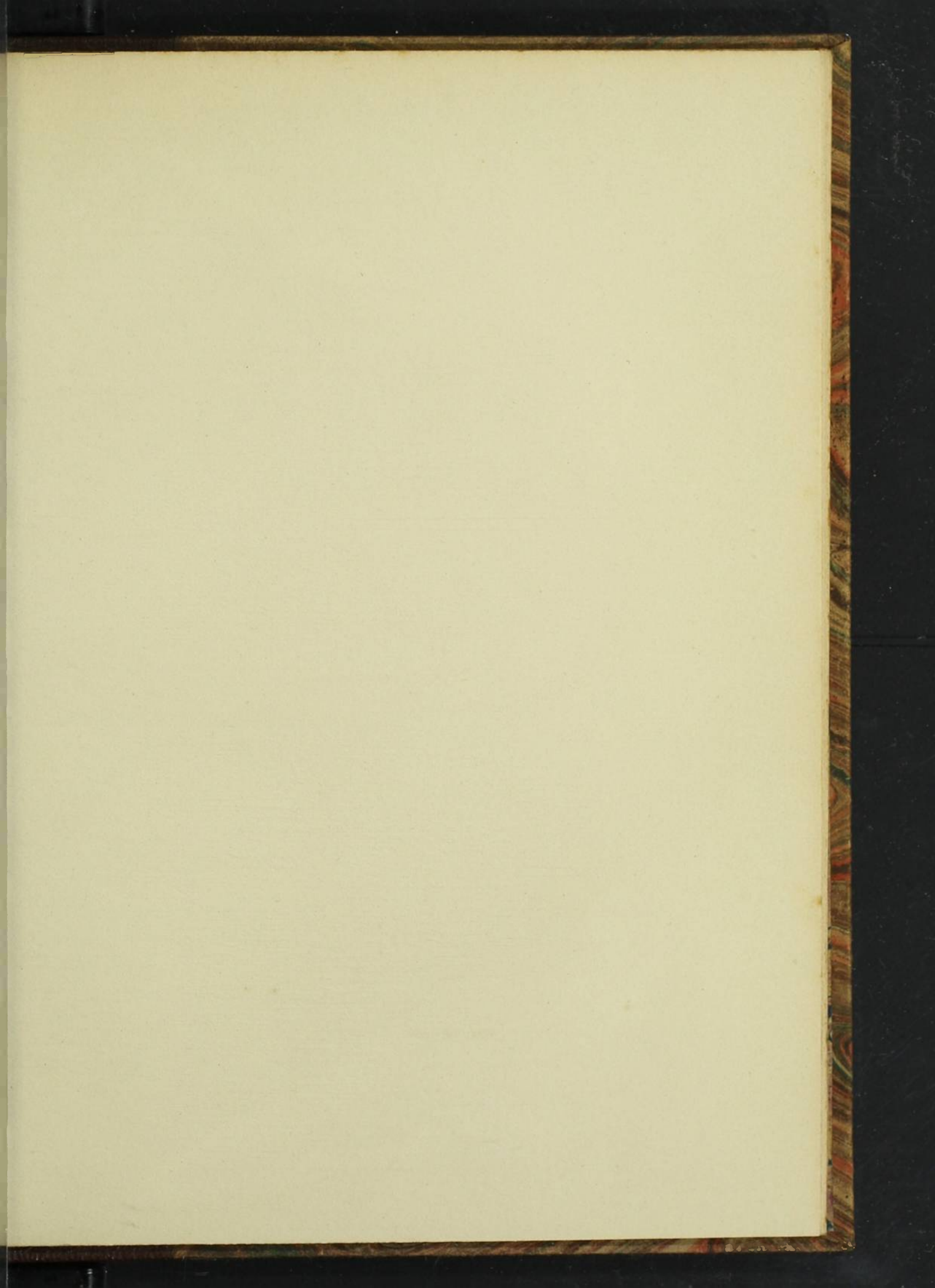
AMBOS.

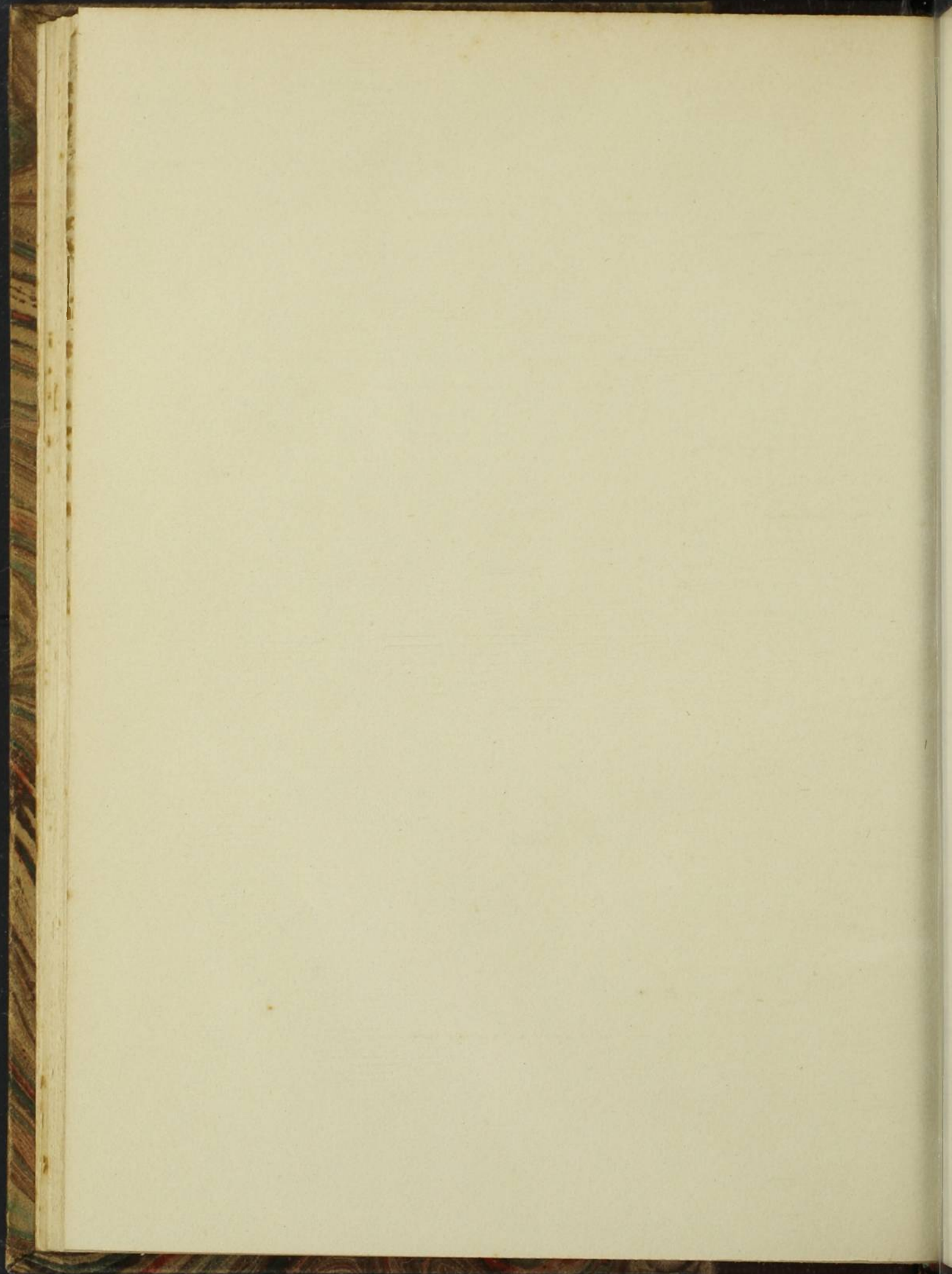
Nossa dita Amor só possa regel-a!
Nosso incenso o altar seu sempre arder vêja!
Nossa flamma eterna sêja,
Como o Deus, que fez nascel-a.

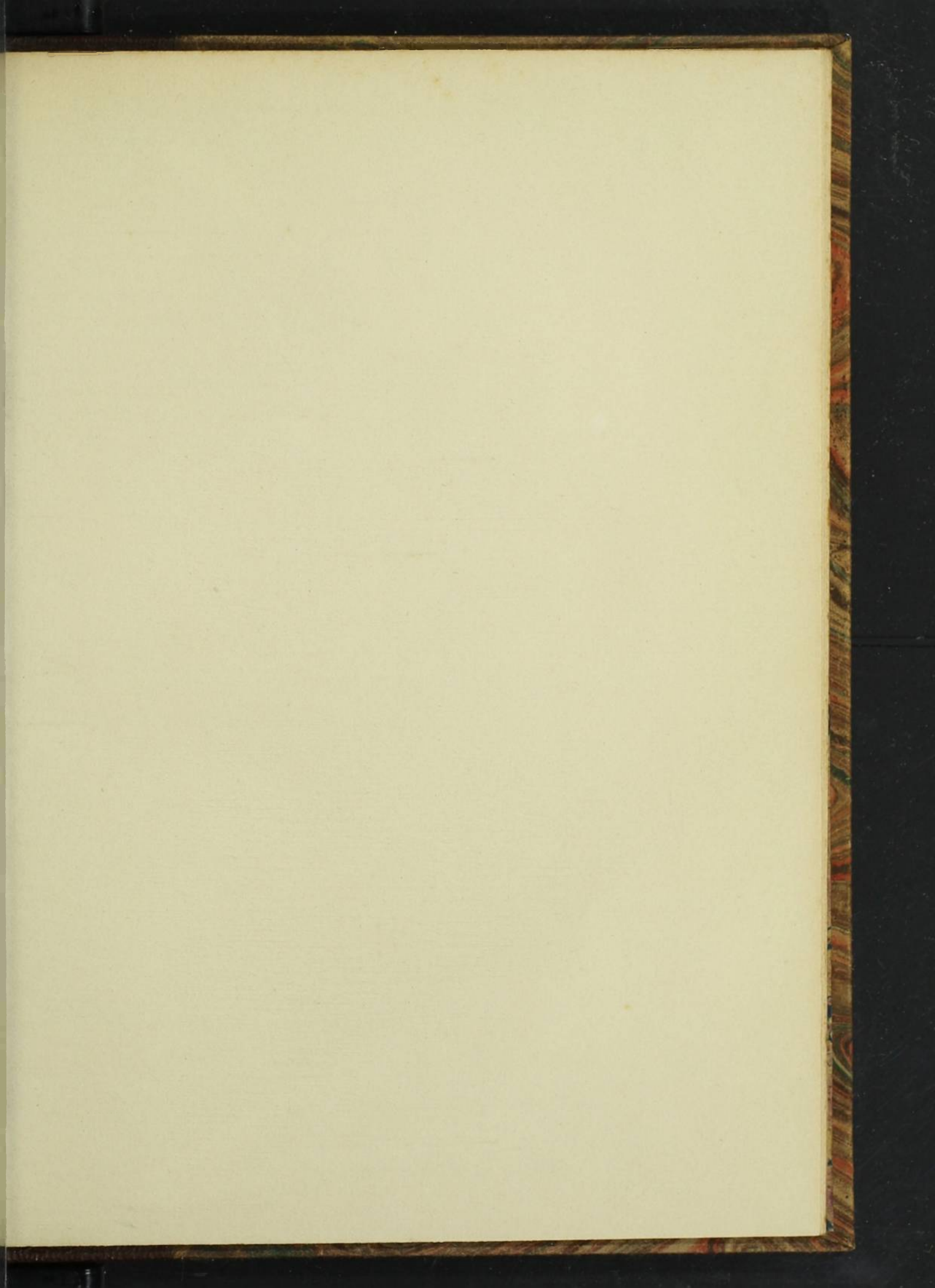
FIM DAS CANTATAS. (1)

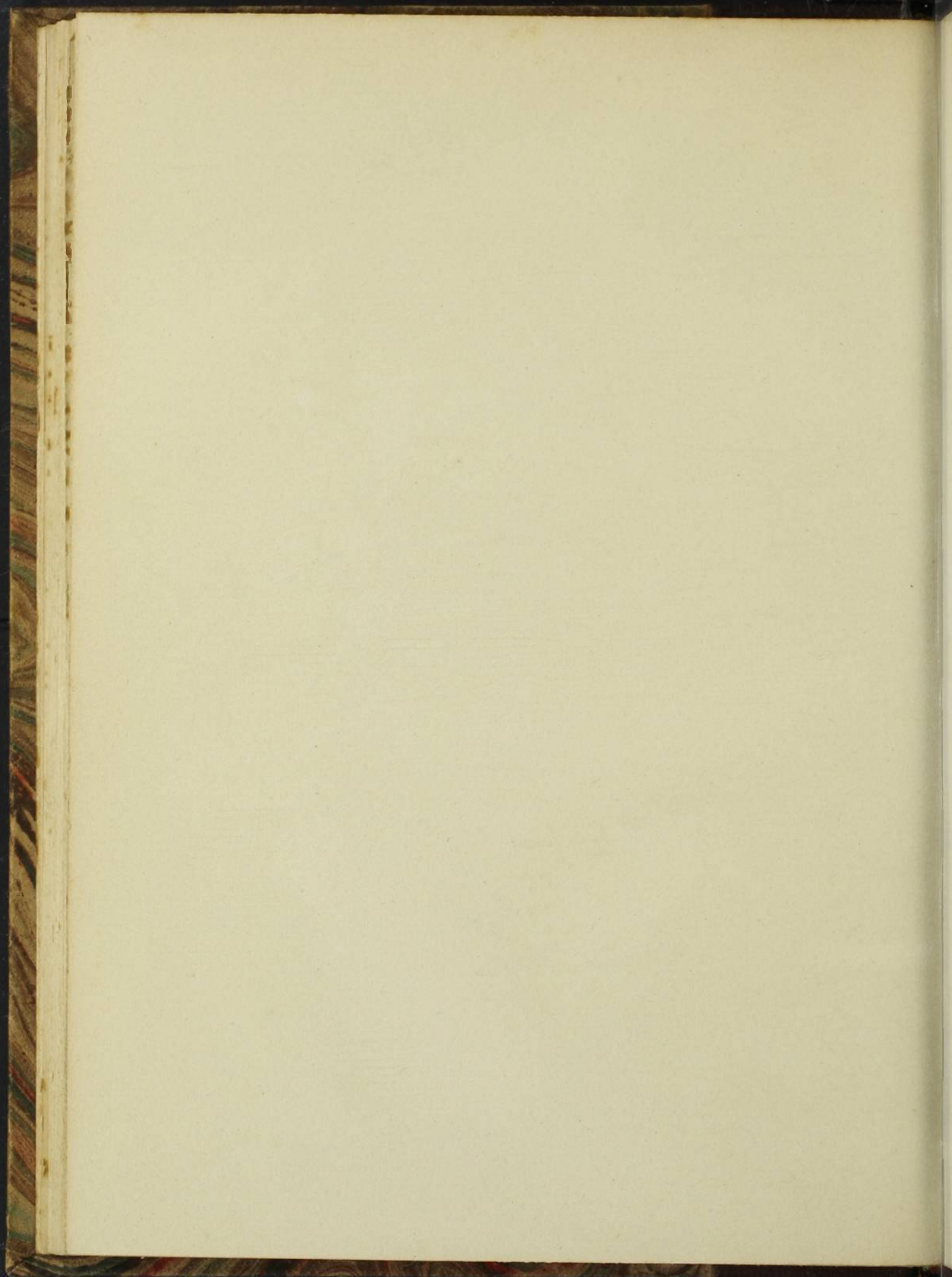


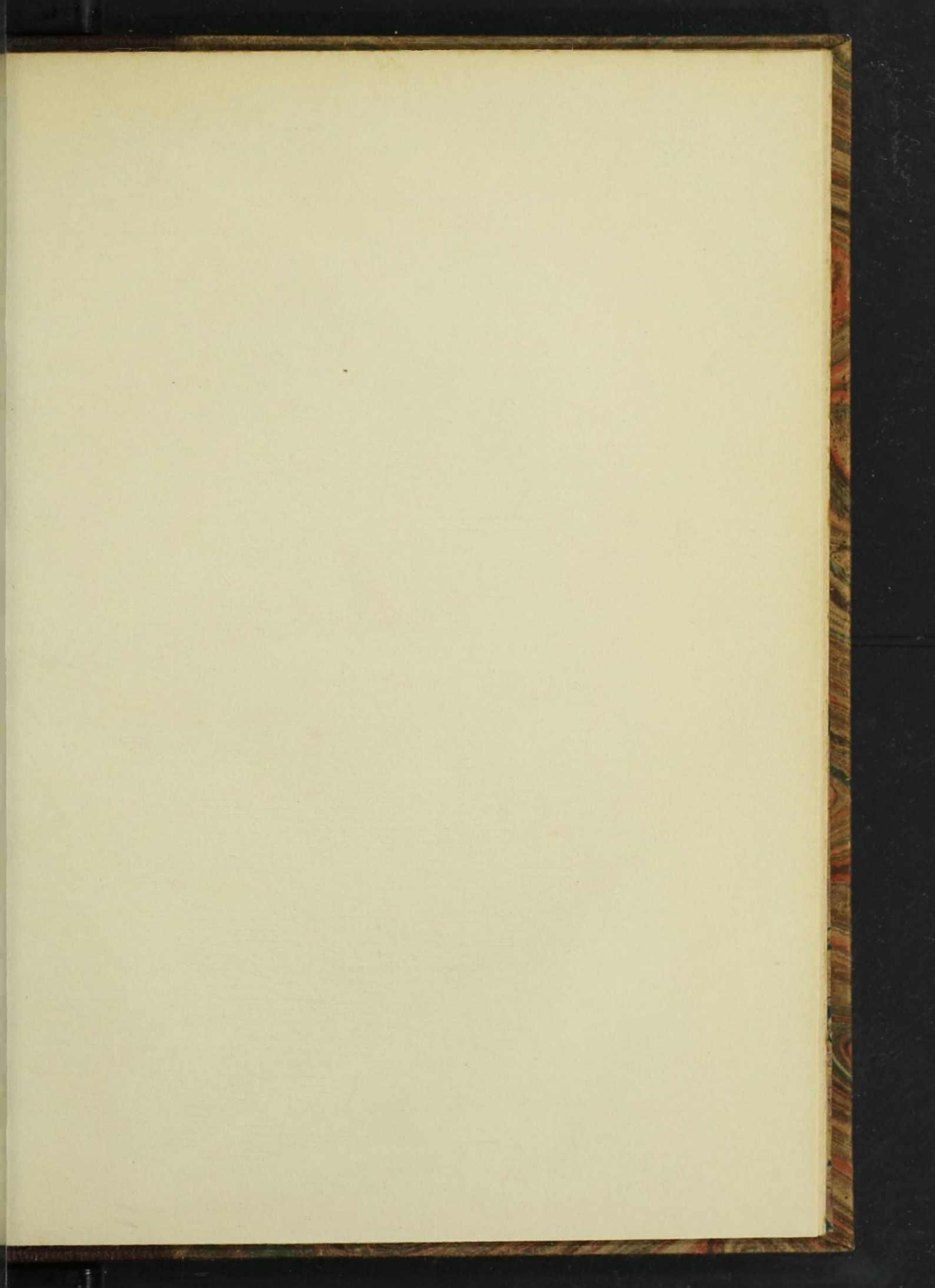


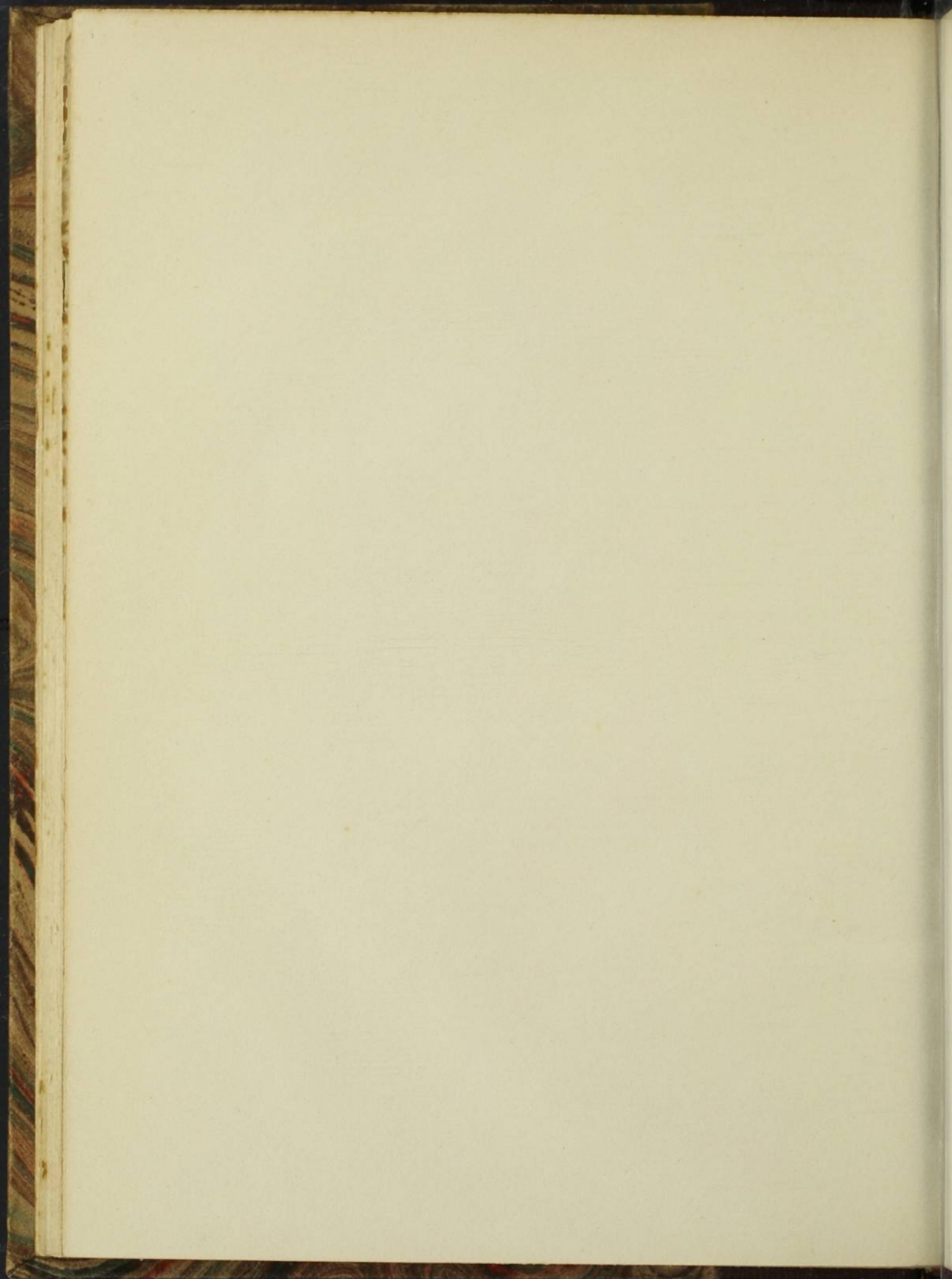


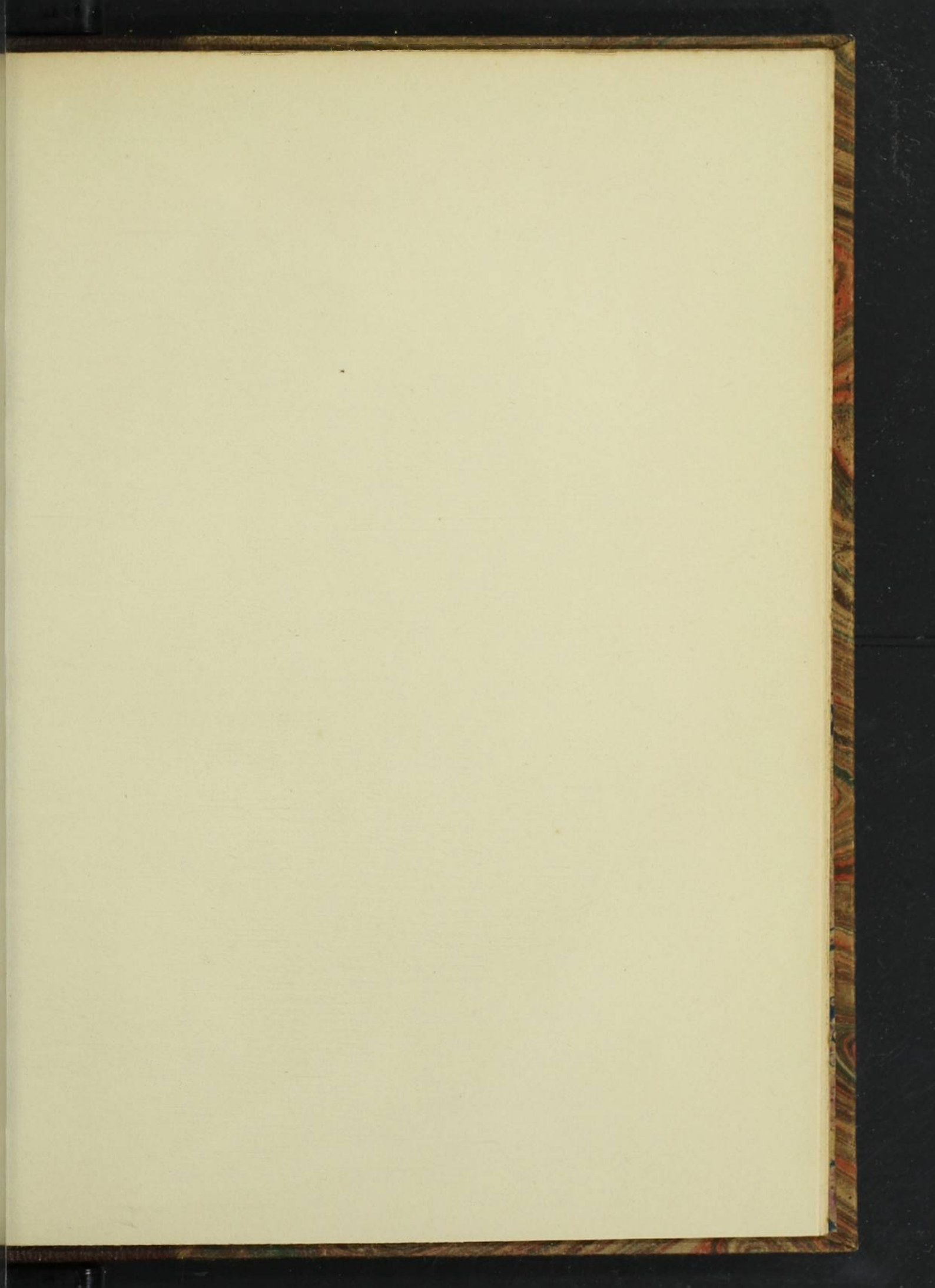


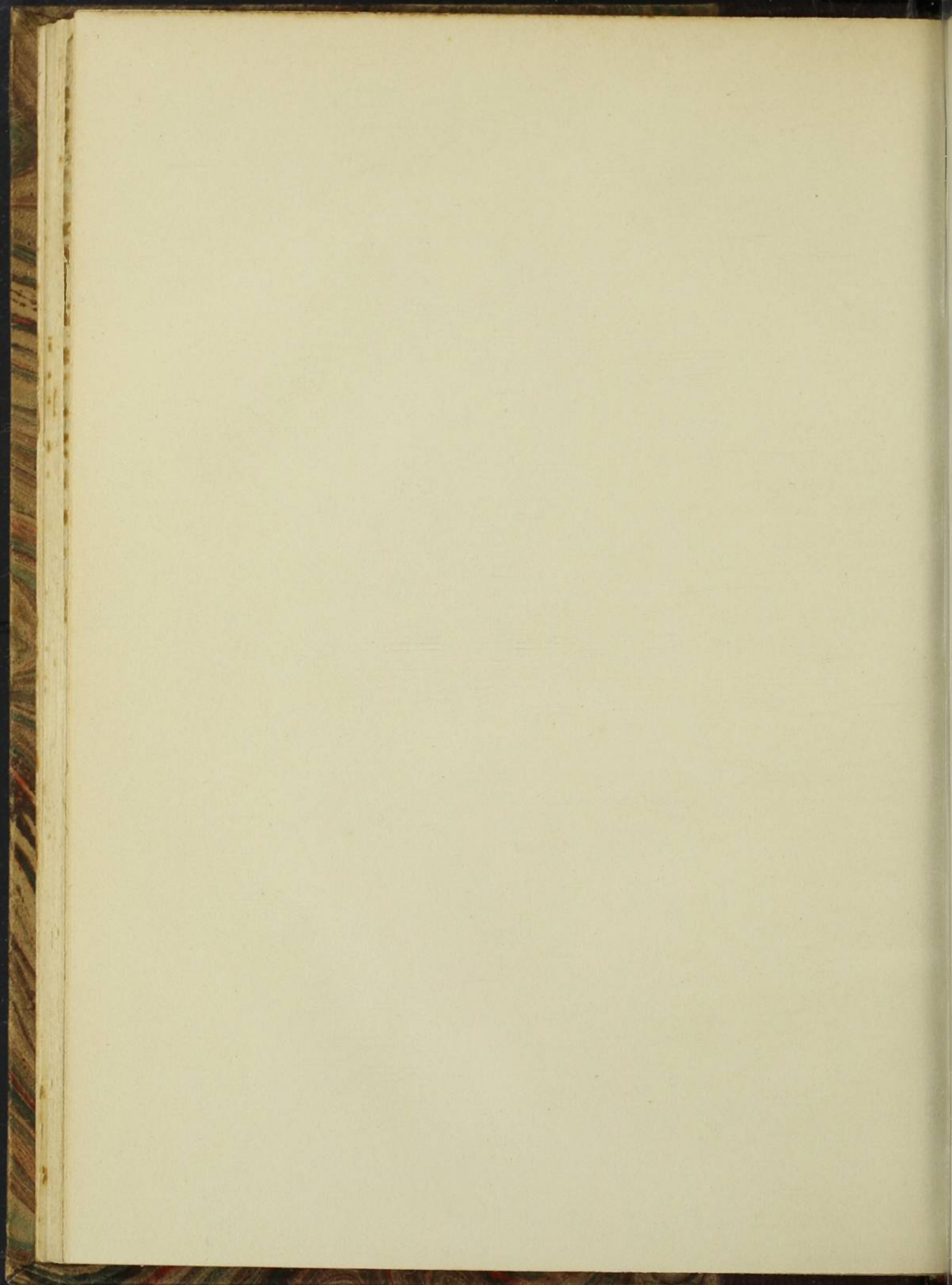


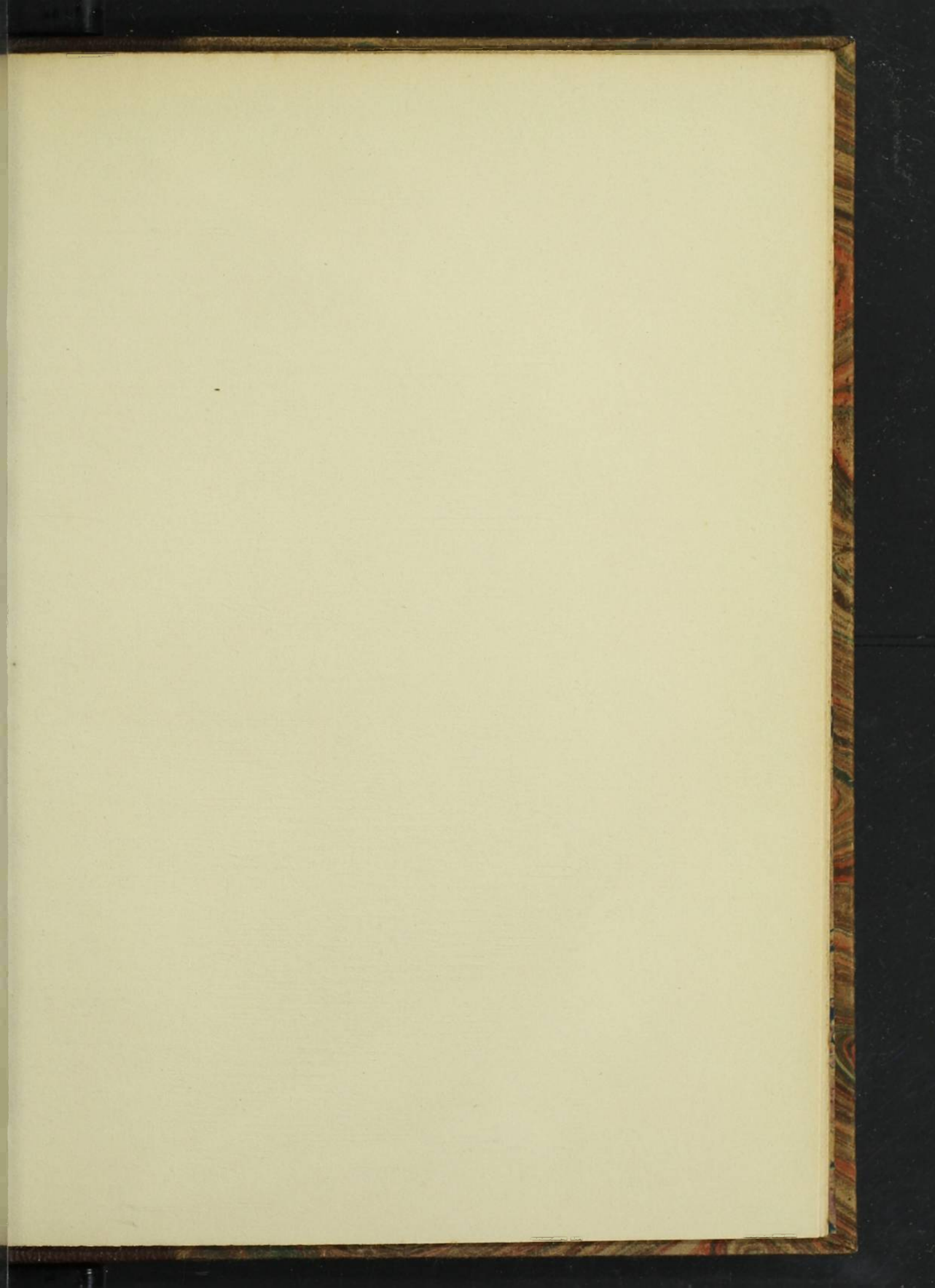


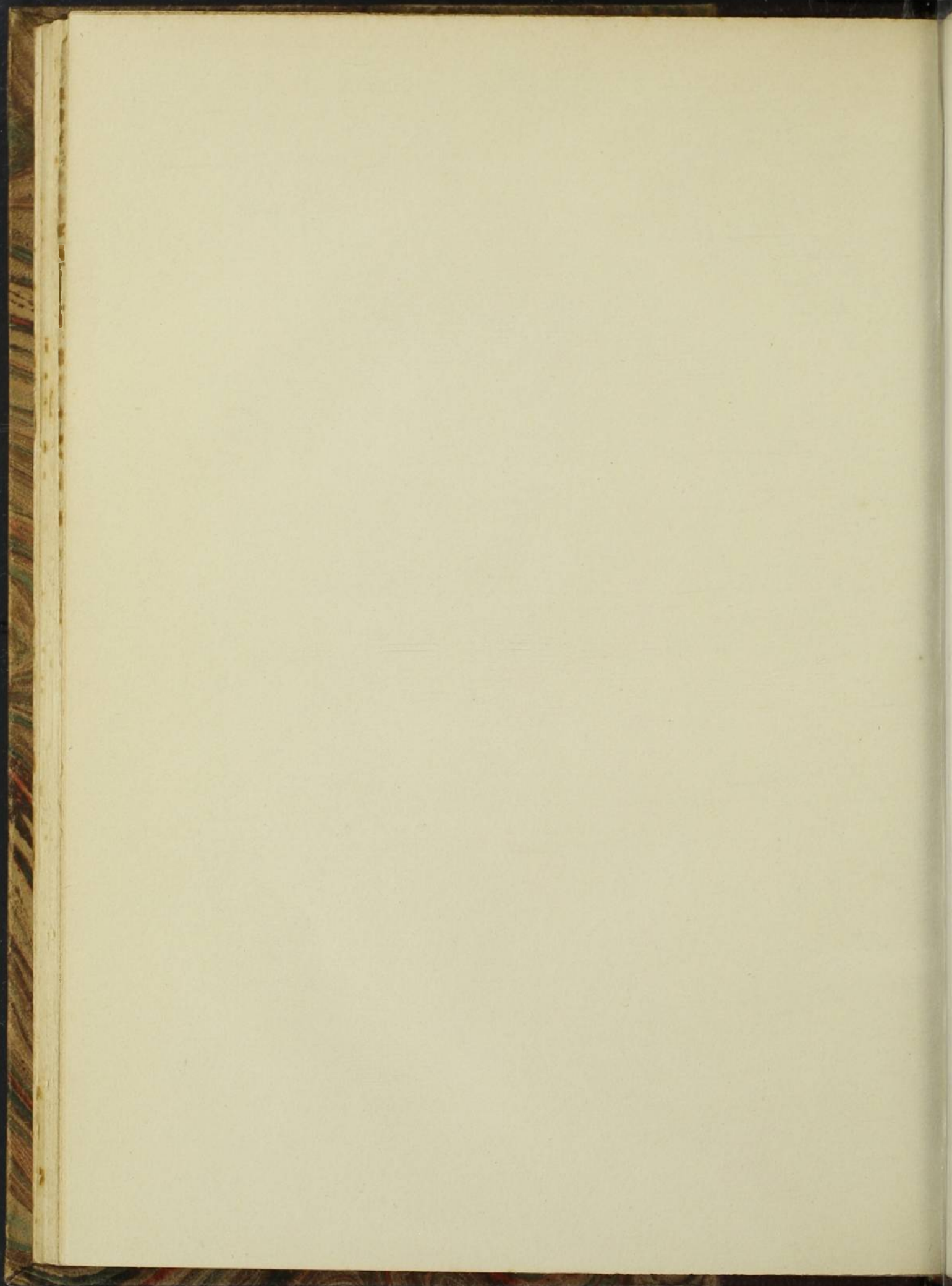


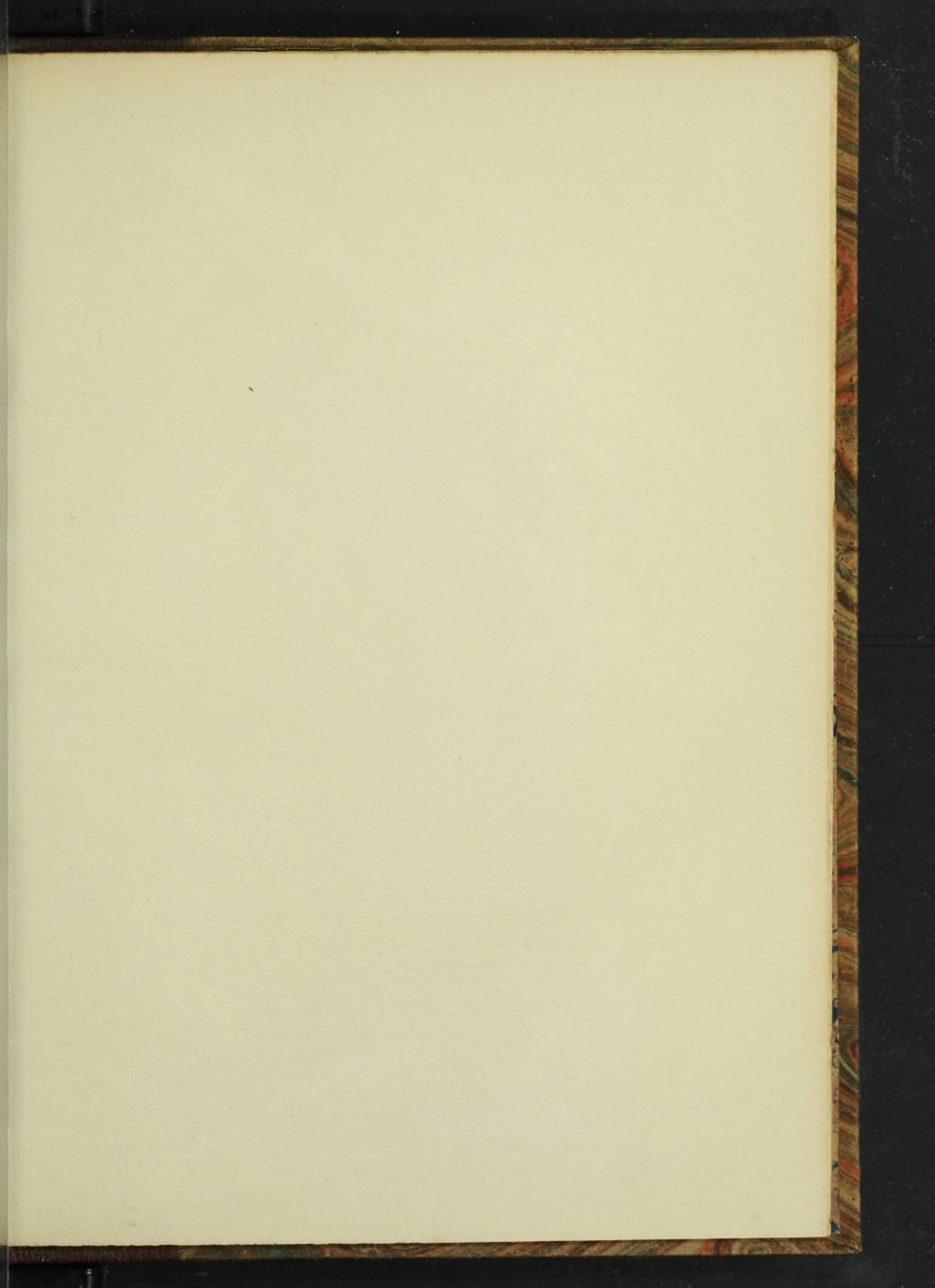


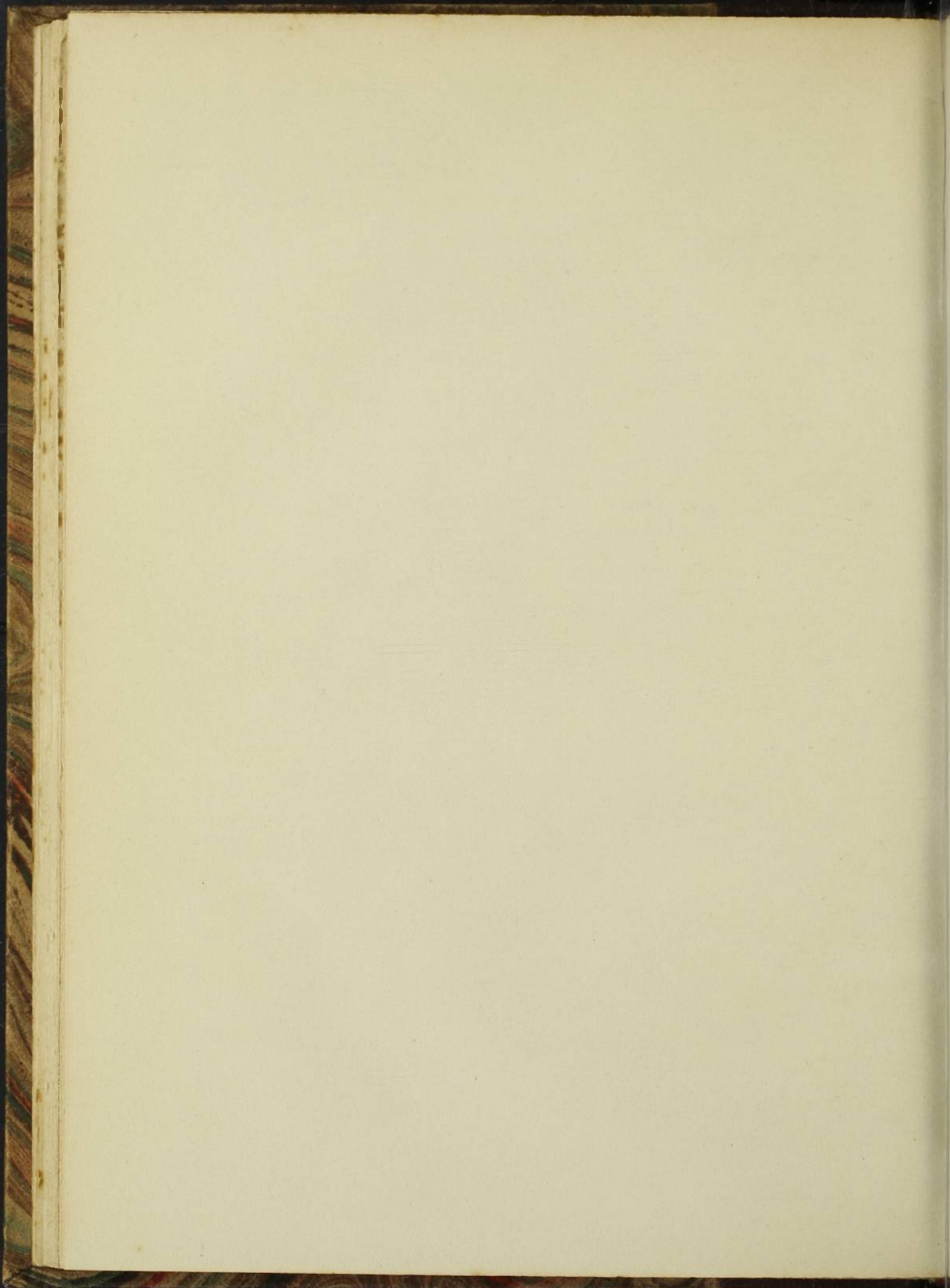


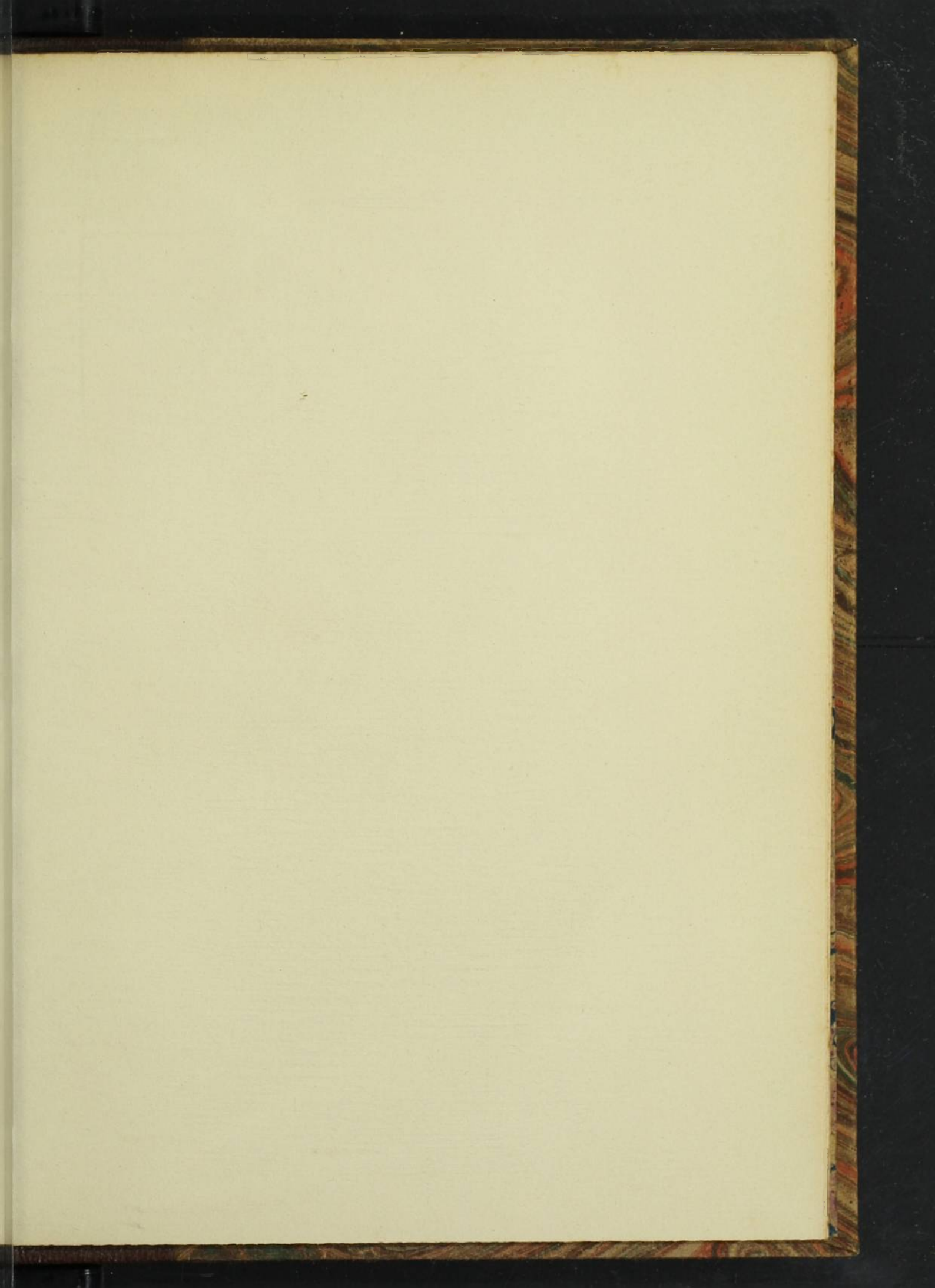


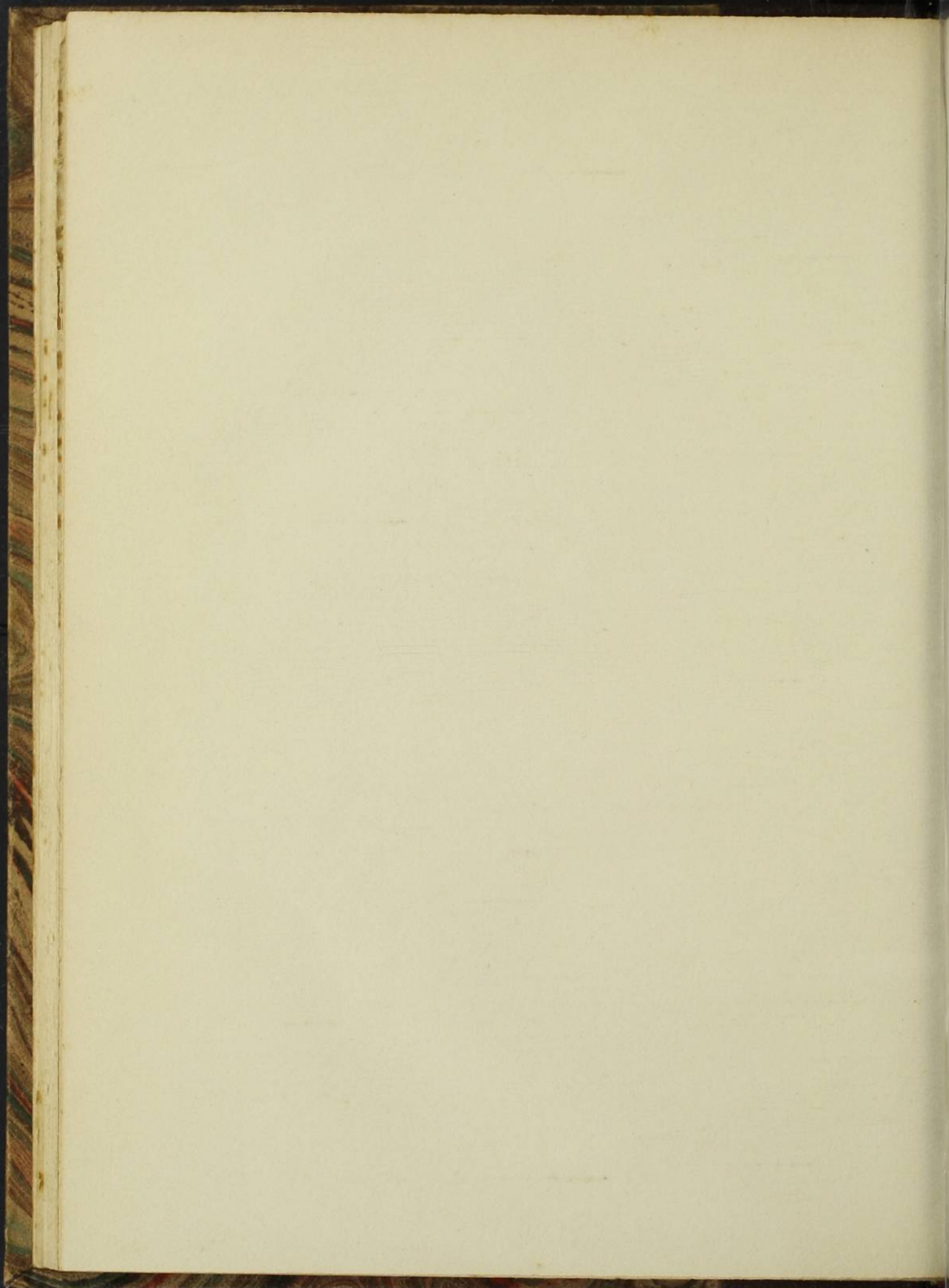


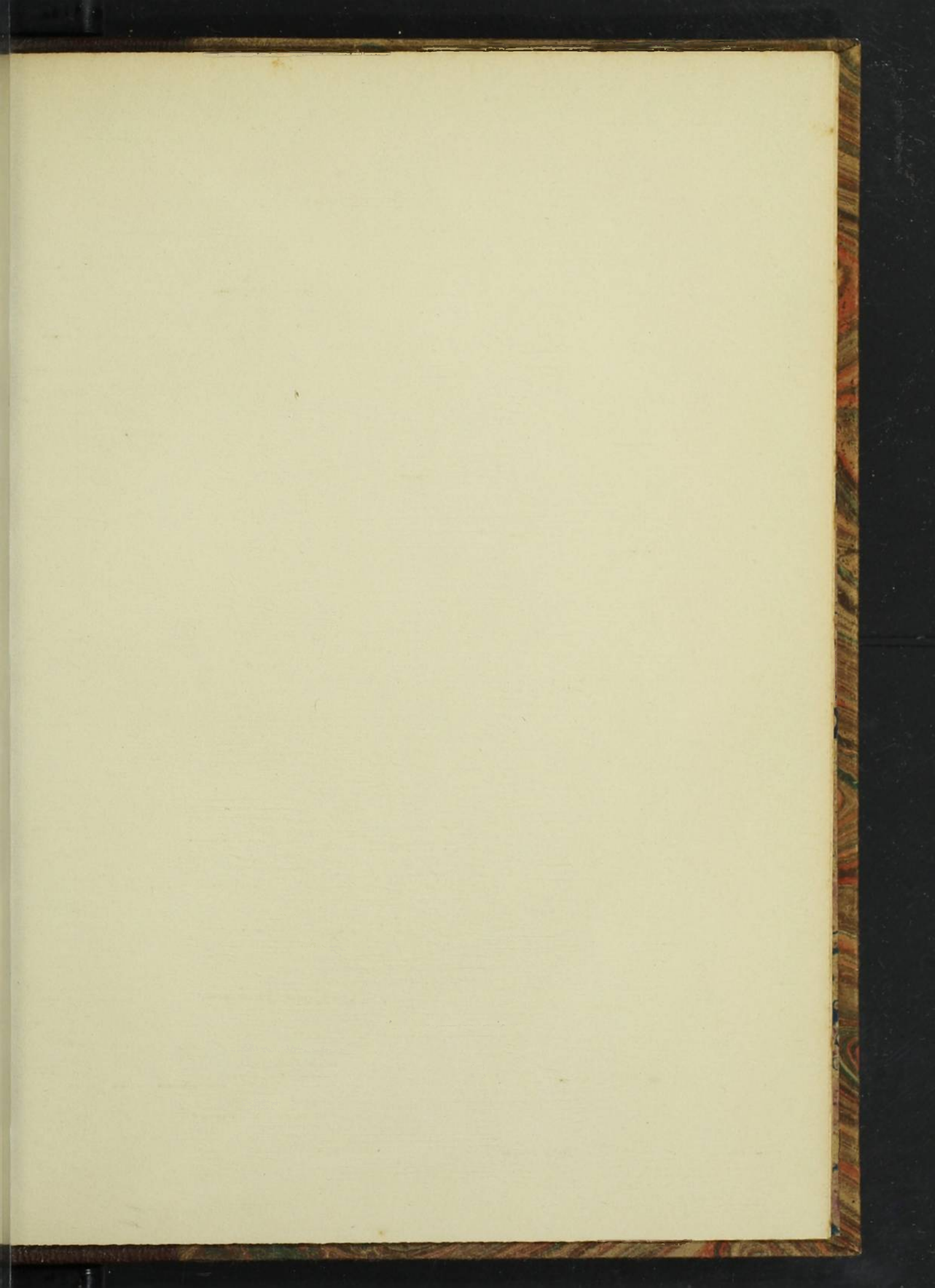


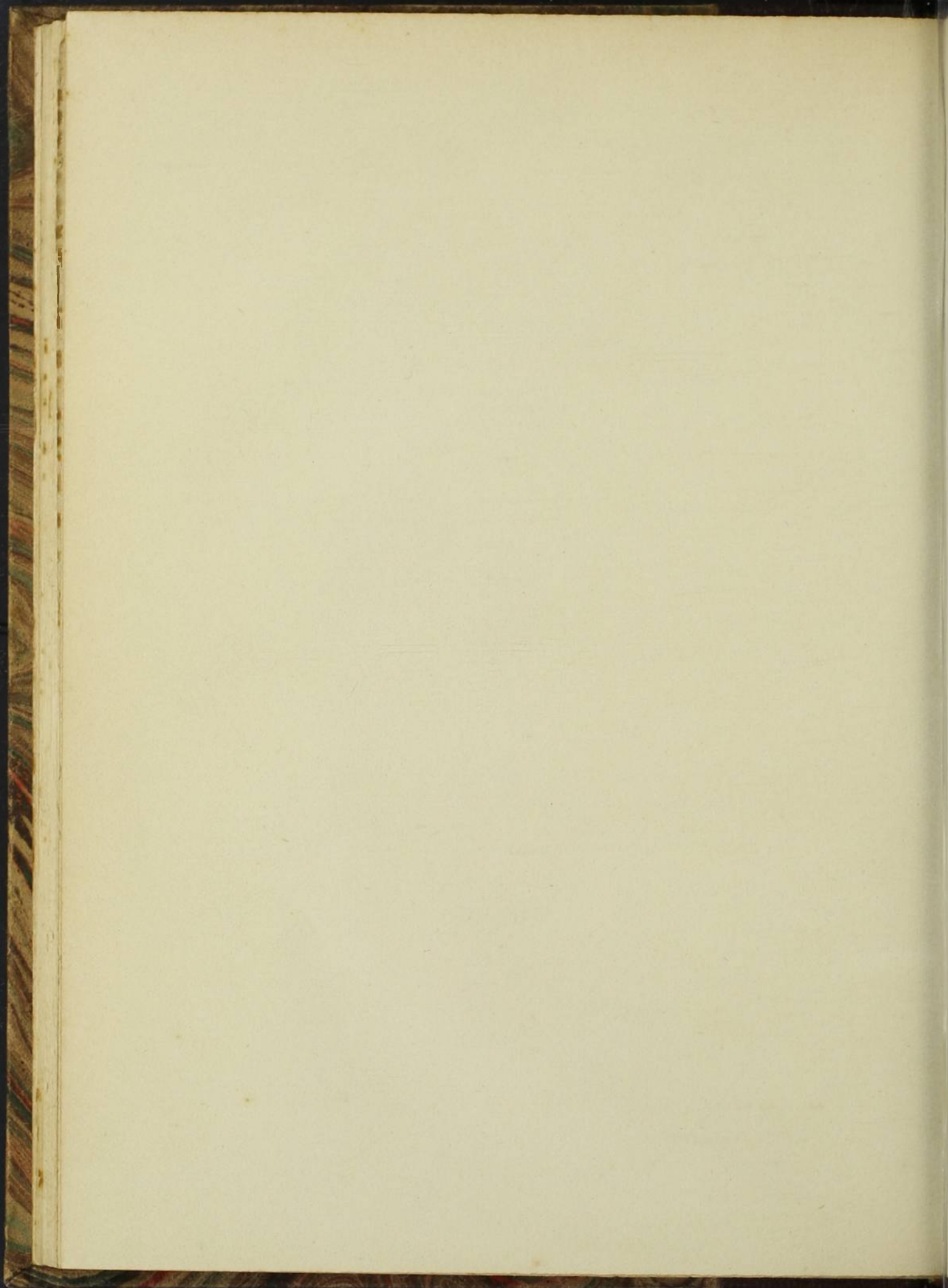


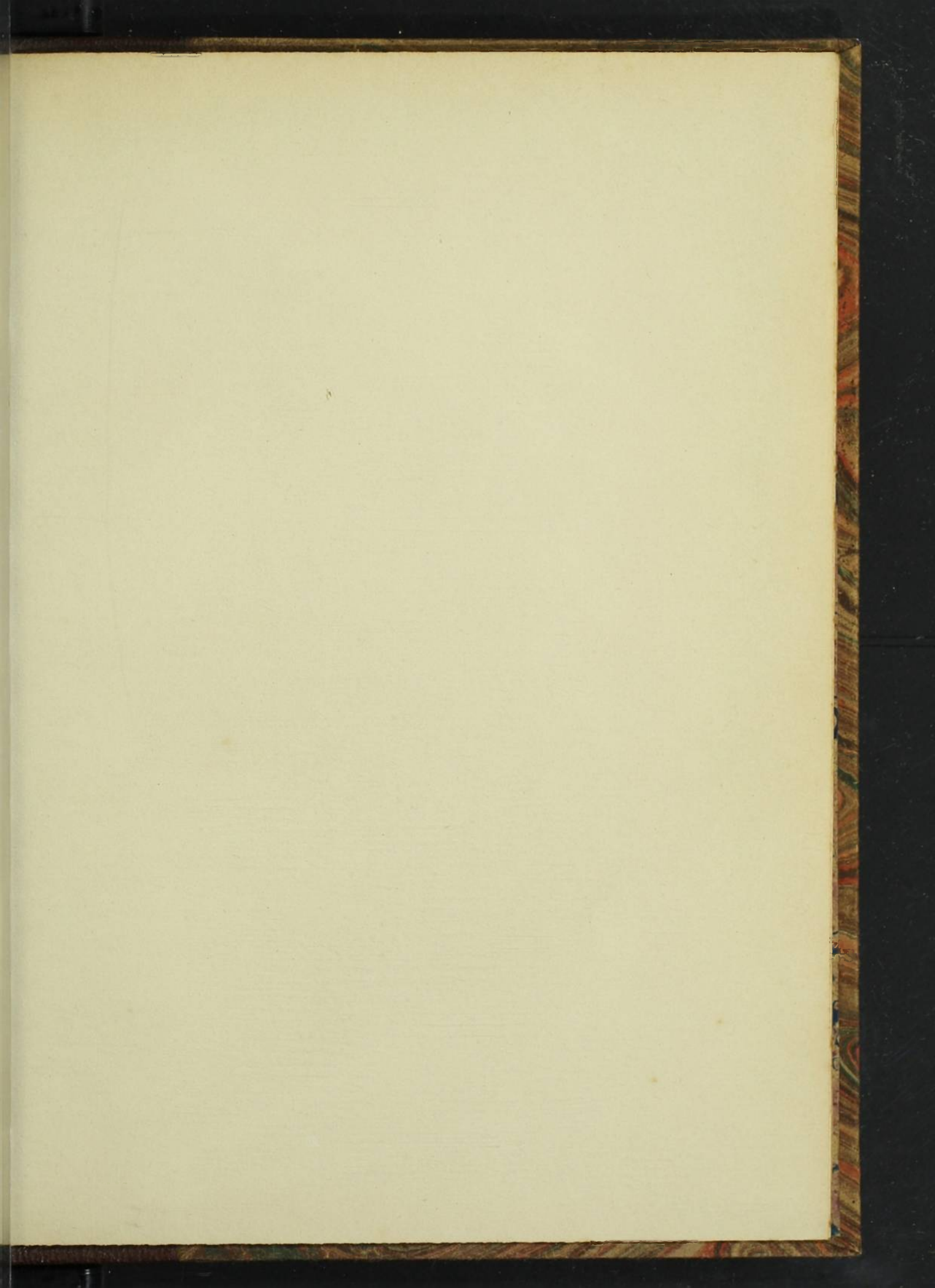












C. R.

24929

